

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

VANESSA NERI RODRIGUES

**O EPISTOLÓGRAFO PERSONAGEM:
O OLHAR DOS EDITORES SOBRE AS CARTAS DE ÁLVARES DE AZEVEDO**

**GUARULHOS
2018**

VANESSA NERI RODRIGUES

**O EPISTOLÓGRAFO PERSONAGEM:
O OLHAR DOS EDITORES SOBRE AS CARTAS DE ÁLVARES DE AZEVEDO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São Paulo como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras
Área de concentração: Estudos Literários
Orientação: Profa. Dra. Maria Lúcia Dias Mendes

**GUARULHOS
2018**

RODRIGUES, V. N.

O epistológrafo personagem: o olhar dos editores sobre as cartas de Álvares de Azevedo / Vanessa Neri Rodrigues. – 2018.
95 f.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2018.
Orientação: Maria Lúcia Dias Mendes.

1. Álvares de Azevedo. 2. Cartas. 3. Edição. 4. Leituras 5. Intelectualidade I. MENDES, M. D. L. II. O epistológrafo personagem: o olhar dos editores sobre as cartas de Álvares de Azevedo.

VANESSA NERI RODRIGUES
O EPISTOLÓGRAFO PERSONAGEM:
O OLHAR DOS EDITORES SOBRE AS CARTAS DE ÁLVARES DE AZEVEDO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São Paulo como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras
Área de concentração: Estudos Literários

Aprovação: ____/____/____

Profa. Dra. Maria Lúcia Dias Mendes
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Profa. Dra. Ligia Fonseca Ferreira
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes
Universidade de São Paulo (USP)

A Valderez e Joel, a ancestralidade que me guia

AGRADECIMENTOS

Nos tempos de hoje, temos o sentimento de gratidão como “coisa da moda”. A palavra naturalizada nos discursos de uma nova geração vai para além do verdadeiro sentimento que se nutre todos os dias ao ver os esforços que fazemos e que se tornam mais leve pelo simples fato de termos a quem recorrer.

Aqueles que acompanharam minha trajetória nesses dois últimos anos sabem por quantas coisas passei e essas pessoas que se doaram de alguma maneira para tornar essa trajetória menos pesada recebem um pouco dessa imensa gratidão.

Agradeço aqui primeiramente à minha orientadora Maria Lúcia Dias Mendes, por ter incentivado, encorajado e acreditado nesse trabalho, sem titubear em sua crença em nenhum minuto.

Agradeço também a Profa. Dra. Lígia Fonseca Ferreira, por desde o primeiro momento ter contribuído com essa pesquisa, tanto como docente da disciplina de Metodologia, quanto como pesquisadora generosa disposta a dar conselhos e, até mesmo, como figura de representatividade e referência.

Ao Prof. Dr. Marcos Antônio de Moraes, por quem sou imensamente grata, por tão tenro acolhimento a uma jovem pesquisadora desconhecida, a quem recebeu com tanto carinho e atenção. A quem ajudou, orientou e aconselhou, de forma despretensiosa e generosa, a levar em frente um tema a ele também tão caro. E por ter acompanhado tudo isso até o último momento, contribuindo para que se tornasse possível.

Aos mestres do curso de História, que são os responsáveis eternos pela minha paixão tanto à pesquisa quanto à docência, agradeço aos Profs. Drs. Rosângela Ferreira Leite e Luís Filipe Silvério Lima, com quem aprendi muito. E durante minha pequena passagem pelo curso de Letras agradeço à Profa. Dra. Ana Luiza Ramazzina Ghirardi, pelo carinho e incentivo.

Deixo expresso também meus agradecimentos a Rubenira da Biblioteca da Academia Brasileira de Letras e ao Cláudio da Fundação Casa Rui Barbosa, que foram tão solícitos e muito colaboraram ao me guiarem durante as incursões pelos acervos das instituições.

A minha diretora Mônica, quem de forma carinhosa e bem humorada aceitou meus horários malucos durante esses dois anos; a Elizabeth de quem me orgulho muito por ter conhecido e ter tido contato, que esteve sempre ao meu lado e por quem o sentimento de gratidão, amor e amizade serão eterno; e a Luci, que esteve desde o começo nessa empreitada,

sonhando os sonhos mais loucos. A Priscila, Erika, Sheila, Elena, Felipe, Regina Celie, Cecília, Gisele e nossa eterna tia Cláudia, pela amizade, pelas risadas, conversas e planos, que é o que ainda nos mantém fortes nessa profissão.

Aos amigos que me acompanham desde sempre e que, mesmo distante, sempre estão lá quando precisamos: Ribeka, Carolina Carvalho, Renata, Soninha, Isis, Patrícia, Lilian, Deivide, Hannah, Thaís, Carol Ribeiro, Raphael, Victor e Maurina.

A Dahlin e Alberto que aceitaram uma aventura épica de dividir suas vidas comigo, durante esse tempo de mestrado. Só nós sabemos o quanto rimos, brigamos e o quanto eu chorei. Mas todos os momentos que passamos serviram para nos deixar mais fortes e que, mesmo que nossos caminhos se separem, levaremos sempre a lembrança do que vivemos. Afinal, essa série de muitos episódios, repleta dos mais diversos personagens, enredos e reviravoltas um dia ganhará as telas da Netflix, a fim de eternizar tudo isso que passamos.

A Paula, que por aquelas engraçadas surpresas da vida nos reencontramos depois de muito tempo, em uma nova fase, e passamos por muitas outras juntas. Com quem posso dividir os doces sabores de infância e as amarguras da vida adulta, pois ela sempre estará lá.

A Larissa, pela grata surpresa de sermos tão diferentes por fora, mas tão parecidas por dentro. Pela paciência, pelas tardes ao sol, pelo ombro amigo e pelas viagens que fizemos e por planejar comigo as que virão.

A Alessandra, por dividir comigo, muito além do signo e do ascendente, as angústias, as dúvidas, as filosofias, as piadas, os amores e desamores, um bom chá, uma ótima refeição e sua excelente companhia.

As minhas avós, minhas tias e minhas primas, mulheres em que me espelho. E ao meu primo Daniel e ao meu afilhado Gabriel, anjos que me guardam, um por ser aquele a quem posso recorrer sempre e o outro por seu amor genuíno.

Ao meu irmão, por saber que não estamos sozinhos em nossas loucuras.

E por último, mas não menos importante, aos meus queridos pais, que mesmo sem me compreender, mal sabem que são totalmente responsáveis pelo que sou hoje, principalmente no que diz respeito às partes boas. Sem eles eu não poderia nem ter sonhado em chegar até aqui, e por isso sou muito grata por tanto amor.

“A sinceridade do epistológrafo não passa de um
mito no qual alguns têm acreditado.”
Geneviève Haroche-Bouzinac. *Escritas Epistolares*.

RESUMO

Os anos que compreenderam ao curto período de vida do poeta Álvares de Azevedo constituíram um período de efervescência política, social, econômica e cultural da História do Brasil, fatores que tornaram suas obras e sua trajetória alvo de diversas leituras ao longo do tempo. A correspondência trocada, sobretudo, com sua mãe, escritas entre os anos de 1840 e 1851, no deslocamento de Álvares de Azevedo entre as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, constitui um conjunto importante de documentos não só para a possibilidade de compreendermos o autor como um homem social que teve suas trajetórias e vivências expressas em suas cartas, como também nos questionarmos sobre a importância da reunião, organização e publicação dessas correspondências. Ao nos debruçarmos sobre as principais edições que as apresentam, buscamos entender a figura do organizador, a trajetória desses documentos e o seu contexto de publicação. Ao mesmo tempo, esta dissertação pretende analisar e entender a estrutura das edições, suas lacunas e marcas deixadas pelos editores, tentando identificar quais as intenções que permearam as publicações dessa correspondência e as leituras que se estabeleceram sobre ela e sobre o próprio poeta, a partir de sua divulgação.

Palavras-chave: Álvares de Azevedo; Edição; Cartas; Leituras; Intelectualidade.

ABSTRACT

The years that comprehended the short life of the poet Álvares de Azevedo was a period of political, social, economic and cultural effervescence in the History of Brazil, factors that made his works and life trajectory target of several readings over time. The correspondence exchanged, especially with his mother, written within 1840 and 1851, during the displacement of Álvares de Azevedo between the cities of Rio de Janeiro and São Paulo, constitutes an important set of documents not only to possibly understand the author as a social man, who had his trajectories and experiences expressed in his letters, but also to question the importance of assembling, organizing and publishing these correspondences. When we look at the main issues which present them, we seek to understand the figure of the organizer, the trajectory of these documents and their context of publication. At the same time, this lecture aims to analyze and comprehend the structure of the editions, their gaps and marks left by the editors, trying to identify the intentions that permeated the publications of this correspondence and the readings that have been established about it and the poet himself, since its disclosure.

Keywords: Álvares de Azevedo; Editions; Letters; Reading; Intelligentsia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – O PERSONAGEM DA NARRATIVA NACIONAL	17
1.1 O IHGB e a construção da literatura nacional	19
1.2 O discurso em forma de narrativa	26
CAPÍTULO 2 – UM EMPREENDIMENTO MODERNO: UMA EDIÇÃO COMPLETA	36
2.1 A intelectualidade e o cenário nacional	37
2.2 O mercado editorial como prática intelectual	39
2.3 “Livros do Brasil” e suas Obras Completas	43
2.4 Homero Pires e sua Obra mais que completa	45
CAPÍTULO 3 – O EPISTOLÓGRAFO PERSONAGEM	52
3.1 Vicente de Azevedo e as cartas	52
3.2 A edição das cartas	56
3.3 O diálogo em notas	59
CAPÍTULO 4 – AS CARTAS DE ÁLVARES DE AZEVEDO	67
4.1 “Cartas de meu filho Manoel Antonio Alvares de Azevedo”	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
FONTES	91
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	91

INTRODUÇÃO

Cânone póstumo da literatura brasileira, Álvares de Azevedo deixou poucas obras para a história literária, mas o suficiente para consagrá-lo como um dos mais importantes poetas do século em que viveu e do Romantismo no Brasil. Entretanto, pouco se discutiu ao longo desses anos sobre a circulação do autor e suas sociabilidades e a relação delas com o conjunto de sua produção e de seu reconhecimento literário. Ou seja, pouco foi nos mostrado sobre a compreensão desse homem do século XIX, enquanto sujeito histórico que ultrapassa as barreiras de sua própria obra.

As leituras feitas em torno do poeta ao longo da história literária proporcionaram à sua figura diferentes maneiras de compreendê-lo. Acoradas principalmente em sua própria temporalidade, essas leituras levaram em consideração o que estava em discussão no momento em que foram realizadas, ou seja, voltaram-se para os textos do passado com o olhar do seu próprio tempo, e dele extraíram o que precisavam para compor as narrativas possíveis em torno de sua imagem.

Ao recorrermos às páginas dos manuais de literatura brasileira para buscar referências sobre a figura de Álvares de Azevedo, encontraremos algumas linhas marcando o nome do poeta em nossa literatura e exaltando sua genialidade extraordinária. Tais perspectivas, entretanto, eram um tanto distintas das criadas a respeito dos poetas contemporâneos a ele, que receberam um lugar central nesse panorama literário por tratarem de questões voltadas ao apelo nacional. Sua imagem de jovem perturbado, sombrio, noturno, entre outras características byronianas, povoaram o imaginário daqueles que leram seus poemas e se arriscam a interpretá-lo.

Ao se dedicar a recepção de Álvares de Azevedo na crítica brasileira, a pesquisadora Cilaine Alves¹ escreve que “(...) boa parte dos estudos críticos que visam esclarecer os elementos identificadores da singularidade de sua obra adota critérios de interpretação que proporcionam, geralmente, uma impressão de ‘deslocamento’ do poeta em relação à sua época.”² E prossegue alegando que

¹ ALVES, C. **O belo e o disforme: Álvares de Azevedo e a ironia romântica**. São Paulo: EDUSP, 1998.

² Idem, p. 26.

Nos manuais de literatura, nas aulas de cursinho e mesmo em conversas informais sobre o tema, formam-se a imagem de um Álvares de Azevedo ora tão casto e puro que desconhecia o ato sexual, ora perverso, devasso e homossexual, desejoso de morrer para não precisar romper o cordão umbilical que o ligava edipianamente à mãe e à irmã.³

Silvio Romero, intelectual importante do século XIX, em sua *História da Literatura Brasileira*⁴, já nesse período destacou justamente essas primeiras leituras dicotômicas feitas sobre Álvares de Azevedo

Formaram-se logo dous partidos: uns afirmavam que o moço escritor era um espírito meigo, delicado, virgem, puro e singelo, não conhecendo as diabruras e irregularidades da vida senão pelos livros dos poetas e romancistas romântico.

Descarte, seus sentimentos eram impolutos, seu viver recatado, seu corpo estreme de qualquer impureza. Nada de charutos, de vinho, de conhaque, de passeatas, de súcias, de bebedeiras, de lúbricos prazeres com as mulheres perdidas.

[...]

Outros, julgam-se muito desbusados, tombam para o extremo oposto. Pintam o autor de *Noite na Taverna* como monstrengo moral, um ser depravado, corrupto, ébrio, devasso, metido em extravagância e desatinos de toda a casta. Estes supõem elevar a obra, deturpando o caráter do homem. Tudo isso é falso, falsíssimo.

Nem anjo, nem demônio.⁵

Romero reafirmava esse caráter de gênio atribuído ao poeta e teceu sua análise reiterando todas essas dicotomias legadas a ele. Lança mãos de poemas e trechos de documentos para demonstrar a genialidade e ora sua pureza, ora sua devassidão.

Em a *Literatura no Brasil* - Era romântica⁶ organizado por Afrânio Coutinho, por exemplo, o texto de Eugênio Gomes dedica dezesseis páginas a afirmar justamente essa genialidade, não muito definida desse jovem poeta. Um misto de precursor e de alguém que ainda não estabelecera as bases de sua poesia, Álvares de Azevedo era um espírito livre incompreendido que não enxergou em nossas paisagens nacionais o mesmo deslumbramento que outros, mas a quem devemos nossa emancipação poética em relação à tradição clássica. Demonstrou em sua poesia o apego às referências estrangeiras que unidas aos seus

³ Idem, *Ibidem*.

⁴ ROMERO, Silvio. **História de literatura brasileira**. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL, 1980.

⁵ Idem, p. 950-951.

⁶ COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 7 ed. São Paulo: Global, 2004.

pensamentos noturnos, sombrios e ligados ao mundo dos sonhos, transformaram-no em um poeta singular.

“A natureza hostil encheu, em suma, de algum terror a imaginação desse sôfrego adolescente, a quem as leituras estrangeiras apontaram tantas direções, sem que pudesse encontrar estabilidade em nenhuma delas.”⁷ É nesse isolamento, nessa repulsa que se concentra o domínio pelo exótico, pelo macabro pelo lúgubre. Tais sentimentos fizeram com que o jovem poeta fosse a expressão natural da sensibilidade, introduzindo no Brasil uma nova estética.

Há de se lembrar também do caráter boêmio, ligado ao lado noturno da vida, do idealismo amoroso e sexual, julgado como um ninfomaníaco do plano imaginário, que não foi deixado de lado por Coutinho, que julgava reafirmar as bases de subjetivismo permeado de incertezas e de mistérios do qual o escritor fazia questão de destacar, que havia herdado de Byron e Musset. Por tais características, Coutinho afirma “Foi Álvares de Azevedo o mais perfeito representante dessa singular entidade em nosso país e tão importante é sua contribuição a respeito que algumas de suas melhores composições são justamente as que têm o travo desse diabólico licor.”⁸

Em consonância com as afirmações de Afrânio Coutinho, Alfredo Bosi, nas páginas de *História Concisa da Literatura Brasileira*⁹, afirma que “Álvares de Azevedo merece prioridade, pois foi o escritor mais bem dotado de sua geração.”, justamente por tratar da evasão e do sonho. Destaca também sua boêmia ligada ao aspecto espiritual, que nada mais seria do que uma expressão de sua época, ligada a um “(...) radicalismo do jovem Manuel Antônio significam um passo avante na formação de uma corrente democrática que, no âmbito das Academias de Direito e das sociedades secretas, fazia posição (ainda que só retórica) ao imobilismo monárquico e aos abusos do clero.”.¹⁰ Cita suas fantasias de adolescente e sua herança byroniana e que atribuiu ao nosso poeta uma nova forma de perceber o Romantismo, por meio da contemplação poética dos domínios obscuros do inconsciente.

Mesmo Mário de Andrade, para compreender a visão modernista sobre o poeta, em seu texto *Amor e medo* destacou em uma análise de ambos, o tema como muito recorrente nos

⁷ Idem, p.141.

⁸ Idem, p.152.

⁹ BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

¹⁰ Idem, p. 118.

poetas românticos. Como um grande estudioso da nossa poesia e do romantismo, Mário de Andrade também atribui a Álvares de Azevedo essa ligação com as questões em torno destes *topoi*. O modernista destaca, por exemplo, a importância das figuras femininas nas obras de Álvares e de como elas são retratadas pelo poeta como uma criação divina. Sendo muito próximo às mulheres da família, o jovem poeta acaba exaltando essas figuras e tendo certa repugnância ao amor sexual.

Mário ainda afirma que mesmo tendo usufruído do tema, Álvares quase não sentiu amor e o seu medo era expresso na fobia sexual, mas obviamente como defendeu ele, amor e medo andam juntos. "Álvares de Azevedo sequestrou o seu medo de amor. E disso vem o tema do amor e medo se manifestar nele numerosíssimas vezes, mas sempre camuflado, inconsciente."

11

Tais interpretações trazem à baila essa visão dicotômica de um poeta entre a genialidade e os dilemas sentimentais da juventude e constroem sobre o escritor o que Alves caracterizou como uma imagem baseada apenas pelas interpretações psicológicas de seus poemas, de compreender a vida pela obra e vice-versa. Em sua visão

Essa abordagem produziu diversos estereótipos e contrassensos, que, se, por um lado, pouco contribuíram na compreensão do fenômeno estético, por outro, afastaram qualquer possibilidade de diminuir a distância que o tempo e as lendas criaram entre o poeta e nossa época, impossibilitando que se pudesse forjar uma imagem mais nítida e prática como autor e de sua pessoa.¹²

Em *Iniciação à Literatura Brasileira*, Antônio Cândido situa Álvares de Azevedo no grupo de poetas que tratavam da subjetividade e que sucederam Gonçalves Dias na fase classificada como ultrarromântica, na qual Álvares representou não só esse caráter sentimental, como introduziu elementos humorístico, irônico, satânico e social, o que acabou possibilitando uma adesão de um público mais amplo.

Processo que reitera sua análise de Álvares de Azevedo em *A Educação pela noite*, em que Cândido ao analisar, principalmente "Macário" e "Noite na Taverna", classifica Álvares como um escritor característico da era romântica. No entanto, as brechas, as questões

¹¹ ANDRADE, Mário. Amor e medo. In: _____. **Aspectos da literatura brasileira**. 5ed. Livraria Martins Editora SA, 1974. p. 240.

¹² ALVES, C. p. 26.

suspensas em seus textos e fragmentos geram certa confusão que podem ser atribuídas ao seu pouco tempo de vida e a publicação póstuma de suas obras. Mesmo vítima de tais situações, era inegável sua genialidade.

Cândido destaca também algo já compartilhado por Bosi e levantado por Sílvio Romero, a contribuição fundamental das Faculdades de Direito, que foram responsáveis pela formação das elites intelectuais de meados do século XIX, e que legaram a Álvares de Azevedo suas influências estrangeiras, como Shakespeare, Byron, Hoffmann, Heine e Musset.

Nas análises de Victor André de Souza, em “O curso jurídico paulistano e a origem do ultrarromantismo de Álvares de Azevedo.”¹³, esse fator se torna fundamental para sua poética, que para além dos aspectos já identificados pela crítica a respeito das referências estrangeiras, e da liberdade de sentimentos, também caracterizou-se por pensar questões relevantes a formação política e social de seu país, mas que não foi expresso em sua produção literária. Para Romero, isso teria influenciado também em sua recepção, afinal era um poeta autenticamente nacional, que ao contrário de seus antecessores e de alguns contemporâneos que tinham formação em Lisboa ou Coimbra, Álvares estava aqui, sendo formado no Largo São Francisco. E contrariando seu “desvio”, foi Álvares de Azevedo quem mais desfrutou das paisagens nacionais, transitando entre o eixo Rio - São Paulo. Com isso, pôde contemplar todos os desdobramentos políticos, sociais e econômicos do cenário nacional no centro das discussões.

Entretanto, as leituras realizadas em torno da figura do jovem escritor puderam ser feitas para além de suas obras a partir de 1931, quando em discurso para o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, Luís Felipe Vieira Souto, médico e intelectual carioca, fez citação de algumas cartas trocadas entre Álvares de Azevedo e sua mãe ao longo de boa parte de sua vida; tendo acesso aos manuscritos dessas correspondência, que estavam em posse de sua família.

O conjunto, de acordo com Vicente de Azevedo¹⁴, continha cerca de 67 cartas e 2 bilhetes, da correspondência ativa do poeta, citados por Luís Felipe Vieira Souto e depois

¹³ SOUZA, Victor André de. O curso jurídico paulistano e a origem do ultrarromantismo de Álvares de Azevedo. In: CALDEIRA, João Ricardo de Castro; ODALIA, Nilo. (Orgs.). **História do Estado de São Paulo**. A formação da Unidade Paulista. Vol.I. São Paulo: Editora Unesp; Editora Imprensa Oficial; Arquivo Público do Estado, 2010.

publicado no Boletim *Dois Românticos*, em anexo na Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro.

Tempo depois, em 1942 e 1976, teríamos essas cartas publicadas em edições acessíveis a correspondência com notas e comentários de Homero Pires e Vicente de Azevedo. Ambos advogados, com tamanho interesse literário no romantismo e que acreditaram no valor documental de seus respectivos trabalhos na divulgação dessas cartas.

Na edição de maior circulação, organizada por Homero Pires, contabilizam 68 cartas, sendo 55 endereçadas à mãe, 4 ao pai, 7 à Luís Silva Nunes, 1 à irmã Maria Luiza e outra ao primo Domingos Jacinto Monteiro.

Na edição de Vicente de Azevedo contam-se 63 cartas e 2 bilhetes, dentre essas, 56 escritos são dirigidos à mãe, 3 ao seu pai e 3 ao seu amigo Luís Nunes. Na edição de Vicente Azevedo também se encontra a carta à seu primo.

O conjunto de correspondência ativa, apresenta temas variados, referências a cultura francesa e até mesmo 5 cartas multilíngues, de um poeta ainda com pouca idade. Escritas entre 1840 a 1851, eles apresentam um panorama da vida de Álvares de Azevedo. Publicadas em ordem cronológica é possível compreender sua trajetória.

Desde então o cenário não parece ter se alterado. As pesquisas a respeito do poeta ainda se concentram nessas visões produzidas ao longo das últimas décadas e em suas cartas perdidas que, entre as idas e vindas, foram reproduzidas sem terem recebido muita atenção de nossos estudiosos.

Nesse sentido, essa pesquisa pretende se debruçar sobre a divulgação destas cartas e fazer uma análise de como elas foram apresentadas. Para tal, se deterá na figura do organizador. Para compreender a trajetória desses documentos, o seu contexto de publicação se faz essencial, bem como entender a estrutura da edição, suas lacunas e marcas deixadas pelo editor, na intenção de abrir caminhos para uma revisitação desses textos e de suas cartas, em busca de outro ponto de vista e uma nova crítica sobre as leituras a respeito do poeta.

Ademais, a compreensão desse processo pode nos elucidar sobre a dimensão material das cartas, entendidas como objeto que tem sua existência para além do texto, ou seja, que devem ter consideradas em sua análise a recepção, publicação e divulgação e a intencionalidade que permeiam esses processos. Dessa forma, as cartas e a sua edição são compreendidas como lugares fluidos, que suscitam várias possibilidades de leitura e interpretações, não só do destinatário, mas também de outros possíveis leitores. É a partir dessa perspectiva que se desenvolve a presente pesquisa, tentando identificar quais as

intenções que permearam a divulgação dessas correspondências e as leituras que se estabeleceram sobre elas a partir de sua publicação.

À vista disso, apresento a dissertação em quatro capítulos, em que pretendo cronologicamente apresentar a divulgação dessas cartas, os responsáveis por essa divulgação e o contexto em torno de sua difusão. No primeiro capítulo pretendo discutir sobre a conferência feita por Luís Felipe Vieira Souto no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro em 1931 em homenagem a figura de Álvares de Azevedo, e que de maneira inédita divulga trechos das cartas do poeta transcritas por ele. Buscamos compreender quem era Vieira Souto e sua relação com a correspondência e o porquê de tornar tais documentos públicos naquele momento e no lugar de onde falava.

Já no segundo capítulo, trabalhamos com a divulgação das cartas nas *Obras Completas de Álvares de Azevedo*, publicada em 1942 e organizada pelo intelectual Homero Pires. Obra publicada pela Companhia Editora Nacional, na coleção "Livros do Brasil", tem como lugar uma estratégia editorial vinculada aos objetivos da editora e que se relaciona amplamente com seu contexto de produção e das propostas políticas e culturais em jogo nesse período.

No capítulo três, trataremos da última edição a circular com transcrição direta do original, feitas pelo advogado membro da Academia Brasileira de Letras, Vicente de Azevedo, em 1976. Esta edição, apresentada no primeiro volume da coleção da Biblioteca da Academia Paulista de Letras, reúne, documentos, comentários e anotações de seu editor. Compreender a disposição e o interesse desse intelectual se faz essencial, na medida em que, ao trabalhar exclusivamente com as cartas, ele atribui à elas outra compreensão, que vai além das apresentadas pelos outros divulgadores da correspondência.

Por fim, no capítulo quatro apresentamos uma transcrição de alguns desses originais que, antes perdidos entre os papéis dos arquivos, aqui serão retomados, a fim de percebermos a dimensão dessa documentação e compreender suas nuances e lacunas. Fazendo com que a partir de sua leitura esse material possa ser novamente estudado e compreendido, com intuito de revisitar essa figura literária e sua correspondência dentro das bases da história e literatura nacionais.

CAPÍTULO 1 – O personagem da narrativa nacional

Às 17 horas do dia 9 de setembro de 1931, encontrava-se em sessão ordinária do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro o presidente da sessão, o senhor Conde de Affonso Celso acompanhado de outras figuras da sociedade brasileira, para presidir a sessão que trataria da posse do senhor Bernardino José de Sousa, eleito para compor cadeira no Instituto, em agosto de 1931; da proposta de indicação para compor o Instituto, como sócio efetivo, o senhor Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho e por fim discurso solene de um de seus membros, o senhor Luiz Felipe Vieira Souto, sobre a comemoração do centenário de nascimento do poeta Manuel Antônio Álvares de Azevedo.

Depois das longas palavras sobre o senhor Bernardino José de Sousa e discurso do mesmo, o presidente Affonso Celso chama por Vieira Souto

Mais dous dias e celebra-se-à o centenário de um emulo, no genio poetico e no prematuro desaparecimento, do glorioso cantor de *Espuma Flutuantes*¹⁵: Alvares de Azevedo. O INSTITUTO associa-se a todas as homenagens que lhe vão a ser prestadas, e, querendo render-lhe um preito especial, incumbiu de traduzir-lhe os sentimentos a um consocio aparentado com o cantor de *Pedro Ivo*, - senhor Luiz Felipe Vieira Souto, a quem dá a palavra.¹⁶

Ao iniciar seu discurso Vieira Souto faz questão de retomar os intelectuais que já haviam discursado sobre Álvares de Azevedo, como forma de exaltar a tradição histórica da casa. E entre eles figurava um dos nomes mais fortes associado ao estabelecimento do IHGB, Joaquim Manoel de Macedo, que em 1855, dezessete anos após fundação do Instituto, em relatório anual para a instituição, dedica algumas linhas celebrando a primeira edição da publicação das obras de Álvares de Azevedo e a doação de suas obras pelas mãos do pai do poeta à instituição. No relatório, Macedo escreve: "As obras de Manoel Antonio Alvares de

¹⁵ O presidente incorre em um erro em seu discurso ao citar a obra *Espumas Flutuantes* como pertencente a a produção de Álvares de Azevedo, quando na verdade a obra compõe os escritos de Castro Alves.

¹⁶ **Revista do Instituto Geográfico Histórico Brasileiro**, Volume II. Rio de Janeiro, 1931. p. 472.

Azevedo constam de dous volumes, contendo o primeiro seus cantos poeticos, e o segundo discursos, artigos e diversas composições em prosa." ¹⁷ e continua

Com aura sahida do seio dos jardins, que intorna ondas de perfumes por onde passa, em sua curta peregrinação pela terra elle deixou seus vestigios cobertos de flores.

Essas floreseram himnos: apanhou-as uma a uma aquella dôr, que só acaba com a vida: fez d'ellas uma consolação e uma corôa: a consolação foi a gloria postuma de um filho; a corôa foi um livro, que honra a terra do berço do poeta, e que lhe perpetua o nome. ¹⁸

A segunda vez que Álvares de Azevedo ganha espaço entre os intelectuais do IHGB é pela pena de Joaquim Norberto de Sousa e Silva em 1872, que se dedicou a trazer uma biografia do jovem prodígio. Por último Afrânio Peixoto, em 1931, que tratando do romantismo brasileiro faz menção ao escritor.

Sendo o quarto membro a versar sobre o poeta, Vieira Souto reitera sua importância e seu lugar dentre eles, afinal "Coincidencia interessante: - dos quatro socios deste Instituto, que desta personalidade fulgurante trataram, três eram medicos, sendo dous dos mais notaveis, quer na medicina, quer na literatura." ¹⁹. No entanto, presente orador garante que não está ali para um simples discurso sobre o poeta, afinal sua fala terá um diferencial em relação aos seus antecessores. Luiz Felipe afirmou: "(...) trago-vos alguma cousa, que, si outro interesse não possuir, tem um cunho de ineditismo, que só os papeis da família podem fornecer." ²⁰. A fala do médico remete não só aos relatos íntimos biográficos, bem como a trechos das cartas escritas por Álvares de Azevedo. Daí é que se dão as primeiras notícias dessa correspondência.

Luís Filipe Vieira Souto foi médico, doutor pela faculdade de medicina do Rio de Janeiro, seguiu a carreira de seu pai Luís Honório Vieira Souto. No entanto, foi como membro ativo do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro que ganhou certa notoriedade. Foi eleito sócio efetivo do IHGB em 22 de agosto de 1931 (coincidentemente ano do centenário de nascimento de Álvares de Azevedo), onde, além de participar de Comissões Permanentes, foi segundo-secretário. Participou do II Congresso de História Nacional (do qual foi primeiro-

¹⁷ **Revista do Instituto Geográfico Histórico Brasileiro**. Tomo XVIII, 3ª série, nº 20, 4º trimestre. Rio de Janeiro, 1855. p. 504.

¹⁸ Idem.

¹⁹ **RIHGB**. Volume II. Rio de Janeiro, 1931. p. 473.

²⁰ Idem.

secretário-adjunto) e representou o IHGB no Primeiro Congresso das Academias de Letras. Foi secretário da Pro-Arte e representante do Museu Mariano Procópio na Assembleia Inaugural do Congresso Pan-americano de Geografia e História. E para além de trabalhos sobre temas médicos se dedicou a escrever vários textos sobre literatura à revista organizada pela instituição, como: “Manuel Antônio Álvares de Azevedo”, “Manuel Antônio de Almeida”, “O poeta de Lindóia”, “Manuel Antônio de Almeida como precursor na literatura brasileira”, “Poetas que morrem jovens” e “Dois românticos brasileiros”.²¹

Tendo vivido entre os anos de 1906 e 1961, foi típico representante da classe intelectual daquele período. Vieira Souto, se dedicava não só a sua profissão, mas também a produção intelectual de relevância nacional. Discutir literatura e relembrar dos cânones, como foi sua principal tarefa, tornou-se um ato importante para as discussões que percorreram o período em que viveu. Assim como, prestar sua contribuição a um dos mais relevantes periódicos nacionais, a Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro.

Vieira representava assim a típica figura do intelectual renomado, que abraçou em sua trajetória as causas da discussão literária, tendo versado principalmente sobre Manuel Antônio de Almeida e Álvares de Azevedo, duas grandes figuras da literatura nacional, sendo, portanto, uma personalidade representativa para compor o conjunto de membros do IHGB.

1.1 O IHGB e a construção de uma literatura nacional

A vinda da família real portuguesa para o Brasil mobilizou milhares de pessoas para a cidade do Rio de Janeiro em 1808. Além da família real vieram centenas de fidalgos e dignitários régios, padres, advogados, médicos, etc. Com o fim da guerra napoleônica, já por volta de 1815, receberam-se oficiais e tropas lusas vindas da Europa para compor a corte fluminense. “No total, pelo menos 15 mil pessoas transferiram-se de Portugal para o Rio de Janeiro no período.”.²² Foram recebidos aqui também administradores, colonos de outras

²¹Informações retiradas do site do Instituto Histórico Geográfico (IHGB) <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/lfvsouto.html>. Acessado em 29/12/2017.

²² NOVAIS, Fernando (Coord.). **História da vida privada no Brasil**. Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. v. 2. p. 12.

partes do Império português, e alguns representantes da monarquia espanhola que saíam dos países sul-americanos tomados pelas revoluções republicanas.²³

Mudavam-se também as estruturas burocráticas, administrativas e políticas. Com a Independência, as capitais das províncias se tornavam fortes centros urbanos político-administrativos, e a intenção de elitizar tais regiões e o país fizeram com que nesses mesmos centros urbanos se construíssem algumas universidades (Faculdades de Direito em São Paulo e Recife e Faculdades de Medicina na Bahia e no Rio de Janeiro), criando estímulo a uma vida na cidade. Os fazendeiros transferiam-se cada vez mais para a cidade e a corte tornava-se cada vez mais o centro das atenções.²⁴

As cidades iam se constituindo, com pequenos comerciantes que viam na atividade comercial uma forma de ascensão; aos poucos as cidades passaram a abrigar um grande fluxo de pessoas que iam e vinham dos mais diversos lugares e se misturavam com a população local.²⁵

A efervescência política, após a Independência, não só afetou os aspectos econômicos e sociais no Brasil, bem como deu início a um forte apelo cultural por parte da camada intelectual brasileira, com relação a compreender sua nação e os desdobramentos dela até aquele momento.

No entanto, a política não esperou que os movimentos culturais a acompanhassem. A renúncia, em 1831, do então imperador Pedro I, que embarcou para Portugal, deixando o seu filho ainda sem idade para assumir o trono, colocou pela primeira vez o poder, de fato, nas mãos dos descendentes diretos do país.

A reação inicial foi de entusiasmo generalizado. Trava-se de fato, de um acontecimento quase tão importante quanto o da independência, se não mais: o país estava a se autogovernar, sem a mediação de uma figura real. Mas essa sensação de liberdade levou também à emergência de conflitos. Entre 1831 e 1835, mais de vinte levantes se verificaram nas cidades principais, sobretudo marítimas, cobrindo quase todas as províncias.²⁶

²³ Idem.

²⁴ COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. São Paulo: Grijalbo, 1977.

²⁵ Idem.

²⁶ CARVALHO, José Murilo. A vida política. In: CARVALHO, J. M. (Coord.). **A construção Nacional 1830-1889**. Organização geral Lília Mortiz Schwarcz. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2012. (História do Brasil Nação: 1808-2010 v. 2). p. 87.

Os sentimentos de insatisfação política, antes sufocados pelas tropas imperiais, se exibiam como nunca em uma série de revoltas que demonstravam o enfraquecimento da unidade nacional. Mas em 1840, temos a retomada do trono pelo herdeiro real, o então jovem D. Pedro II, lembrando aos adversários políticos quem realmente deveria estar no poder.

Com o novo poder imperial despontava também o anseio político e intelectual de definir e caracterizar esse império a ser consolidado. Não à toa que nascem pelas mãos do imperador, não só novas agendas políticas, mas também novos programas culturais. “A estabilidade política e a presença de um imperador que se dizia nascido para as artes e as letras fez com que houvesse durante o Segundo Reinado um apreciável desenvolvimento da literatura, da música e das artes plásticas e da fotografia.”²⁷

O Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) foi criado em 1838, a partir da iniciativa da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN), que fundada em 1827, tinha como objetivo incentivar o progresso e o desenvolvimento brasileiro. A constituição do Instituto, então, estava ligada à institucionalização de um projeto de criação do perfil da jovem nação brasileira e da produção de uma visão única sobre o Brasil no interior das elites nacionais. O ideal proposto pelo imperador Pedro II, ao tomar frente dessa instituição, era o de criar uma academia aos moldes iluministas ao mesmo tempo em que se pretendia discutir as gêneses de uma nacionalidade brasileira. Dessa maneira, a reunião de nomes fortes da elite e da intelectualidade para compor o quadro de fundação e a constituição de um discurso historiográfico eram essenciais para a fundamentação desse projeto. “Na verdade, composto, em sua maior parte, da ‘boa elite’ da corte e de alguns literatos selecionados, que se encontravam sempre aos domingos e debatiam temas previamente escolhidos (...)”²⁸

Reconhecido no Instituto Histórico de Paris, Domingos José Gonçalves de Magalhães foi editor da revista *Niterói*, periódico editado na capital francesa, que tinha cunho nativista e que chamara a atenção dos intelectuais franceses por seu enfoque nos ideais das originalidades locais.²⁹ Ele fora um desses intelectuais literatos ligados à figura do imperador e de grande influência e conexões externas, que configuraram o grupo de composição dos membros do Instituto. Acompanhado de Magalhães seguiram nomes como: Manuel de Araújo Porto Alegre também importante nome da corte imperial de Pedro II; Joaquim Manoel de

²⁷ CARVALHO, José Murilo. *As Marcas do período*. In: CARVALHO, J. M. (Coord.). Op. cit. p. 28.

²⁸ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 198.

²⁹ Idem.

Macedo, Gonçalves Dias e Francisco Varnhagen. São esses alguns dos mais importantes nomes que vão passar a frequentar o IHGB a partir dos anos 1840. E como forma direta de divulgação de suas ideias e debates utilizaram-se da Revista do Instituto, publicada após um ano da fundação da própria instituição.

Tais nomes eram diretamente ligados ao romantismo e ao círculo literário nacional, indício do que estava posto no Instituto: um lugar para a literatura. "Na verdade, é com a entrada de d. Pedro II no IHGB e seu mecenato que o romantismo brasileiro se transforma em projeto oficial, em verdadeiro nacionalismo, e como tal passa a inventariar o que deveriam ser as 'originalidades locais'." ³⁰.

Essa valorização da questão nacional ultrapassa o campo literário. A figura do historiador Francisco Varnhagen demonstra outro intuito da associação, "A perspectiva de englobar na instituição estudos de natureza etnográfica, arqueológica e relativos às línguas dos indígenas brasileiros pode ser explicada a partir da própria concepção de escrita da história partilhada pelos intelectuais que a integravam" ³¹.

Como bem nos esclarece Nicolau Sevcenko, em *Literatura como Missão. Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República* ³², a emergência de situar o Brasil em algum ponto da História fez com que nossos intelectuais seguissem por correntes vindas da Europa. Essa urgência na busca de um lugar estava ancorada na formação dos Estados-nação europeus que também tinham a necessidade de estabelecer, dependendo de seu lugar, ou um sentimento unificador para um Estado já estabelecido, ou estabelecer um estado forte que concentrasse o sentimento unificador e nacional já existentes. ³³

Tem-se a partir disso

(...) o desenvolvimento de formas de conhecimento como a história, a fisiologia, a antropologia, a geografia [...] para justificar a organização uniforme de ampla área geográfica com seu respectivo agrupamento humano, legitimado por suas características (raça, história, tradição, meio físico, língua, religião, cultura, caráter psicológico geral); (...) ³⁴

³⁰ Idem, p. 204.

³¹ GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nações nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Projeto de uma História Nacional. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, CPDOC/Vértice, n.1. pp. 5-27. p. 11.

³² SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

³³ Idem.

³⁴ Idem. p. 101.

Acompanhando as tendências intelectuais europeias a respeito da construção do nacionalismo, percebe-se a construção de um discurso histórico que foi pautado nas heranças indígenas como forma de ressaltar as raízes brasileiras e a herança europeia recebida como um ideal de civilização. A partir dessa óptica temos a criação de um patrimônio comum, de uma lista de elementos essenciais para a invenção de uma nação, como aponta Anne-Marie Thiesse ³⁵, ao citar alguns elementos como “(...) ancestrais fundadores, uma história que estabeleça continuidade da nação através das vicissitudes da história, uma galeria de heróis, uma língua, monumentos culturais e históricos, lugares de memória, uma paisagem típica, um folclore” ³⁶

E tendo a língua como aspecto fundamental na constituição dessa nação é que se propicia a criação das obras literárias e de grupos que tinham como objetivo financiar e sustentar a impressão de livros e periódicos, para além da configuração de espaços voltados para sua difusão.

Dessa forma, conjuntamente com esse projeto idealizado pelo Instituto, era necessária também a elaboração de um periódico que divulgasse os seus propósitos. Desde a fundação do IHGB, a Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (RIHGB) circulou trimestralmente registrando as atividades da instituição através de seus relatórios, divulgando cerimônias e atos comemorativos. Dedicou-se às publicações de fontes primárias, artigos, biografias e resenhas de obras, como forma de preservar e divulgar as informações levantadas por seus pesquisadores e colaboradores. ³⁷

Eram publicados nas revistas uma série de textos, discursos, relatórios entre outros gêneros que buscavam exaltar o país. Tais textos renderam, por exemplo, “(...) biografias de escritores coloniais e edições de relatórios de viajantes estrangeiros pelo nosso território. Vários trabalhos etnográficos que propiciaram a pesquisa da vida dos silvícolas, largamente aproveitada pelo indigenismo dos anos 1840.” ³⁸

Foram eleitos para representar a consagração desses ideais Gonçalves Dias, José de Alencar e outros autores que versavam sobre o movimento da natureza e do selvagem

³⁵ THIESSE, Anne-Marie. Ficções criadoras: as identidades nacionais. **Anos 90**. Porto Alegre, nº 15, 2001/2002.

³⁶ Idem, p. 8.

³⁷ GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Op. cit.

³⁸ BOSI, Alfredo. Cultura. In: CARVALHO, J. M. (Coord.).Op. cit. p. 234.

brasileiro. A literatura e a história estariam em disputa pela valorização indígena e a importância deles para a construção dessa origem da nacionalidade brasileira.

Manoel Luis Salgado Guimarães, afirmou

Enquanto Varnhagen, em carta dirigida ao imperador com a data de 18 de julho de 1852 a propósito do indianismo de Gonçalves Dias o adverte para ‘não deixar para mais tarde a solução de uma questão importante acerca da qual convém muito ao país e ao trono que a opinião se não extravie, com ideias que acabam por ser subversivas’, a literatura veicula a imagem do indígena como portador da ‘brasilidade’.³⁹

A exigência feita por Varnhagen convergia com um ideal típico do século XIX, a literatura associada a uma visão de refletora da sociedade, permitindo uma forte ligação entre ela e a história. A relação literatura-sociedade, como afirma Mônica Pimenta Velloso em seu artigo "A literatura como Espelho da nação", passa a determinar um projeto de literatura que estava vinculado ao ideal nacional “Era senso comum ver a literatura como veículo da nacionalidade”⁴⁰

Além disso, é necessário perceber que nossos primeiros literatos estavam vinculados a ofícios burocráticos. A redação de ofícios, relatórios, inventários etc sobre nossas práticas e geografia, moldou a forma de expressão dessa intelectualidade que se envolveu com a produção literária. Por isso, Bosi⁴¹ aponta que mesmo antes dos autores como Gonçalves Dias e José de Alencar, outros nomes que figuraram como produtores de conteúdos ligados a essa natividade, e que tinham características muito próximas ao romantismo. A própria literatura colonial - textos jesuíticos, por exemplo -, e outros textos produzidos até início do século XIX, foram exemplos dessas funções burocráticas ou religiosas, unidas a atividade literária.

A mistura do mundo dos negócios, da religião e da magistratura com a ficção representou a confusão do pragmatismo com a subjetividade, “Assim, a literatura e documento acabam sendo uma coisa só.”⁴² Nesse sentido, conjuntamente com essa valorização dos textos literários e dos relatos etnográficos, mapeamentos etc., tinha-se como

³⁹ GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Op. cit. p. 8.

⁴⁰ VELLOSO, Mônica Pimenta. A literatura como Espelho da Nação. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, nº 2, 1988. pp. 239-263. p. 239.

⁴¹ BOSI, Alfredo. Op. cit.

⁴² Idem, p. 240.

diretriz central também dentro do IHGB e no projeto de sua Revista, a publicação de documentos relevantes para a História do Brasil.

Como dito por Velloso, “A História se confunde com a história. A realidade histórica é mero instrumento, matéria-prima sobre a qual trabalha o artista quando recria a realidade.”⁴³ E essa perspectiva não se encaixava somente aos românticos da primeira geração, “Seja através de Gonçalves Dias cantando a saudade no exílio, seja através de Álvares de Azevedo falando do seu ‘eu’ é visível a tendência [era] para o pragmatismo.”⁴⁴

É nesse sentido que em seguida elegem-se figuras como as de Álvares de Azevedo e de Junqueira Freire, entre outros, que mesmo a revelia da discussão nacional de veio indigenista, conseguem também imprimir um nativismo romântico surpreendente para os moldes da época.⁴⁵ A partir desse momento que identificamos o Álvares de Azevedo inserido na narrativa histórico-literária, e sua figura incorporada no panteão dos literatos.

Antônio Cândido⁴⁶, por exemplo, irá eleger na história literária, Álvares de Azevedo um cânone da nossa literatura.

(...) poeta seja o mais interessante do Romantismo brasileiro, Álvares de Azevedo (1831-1852), menino-prodígio que teve tempo, na vida breve, de se cultivar bastante e produzir uma obra relativamente volumosa, além de variada, que se publicou depois da sua morte com enorme êxito. Nela sobressai o espírito crítico, inclusive no sentido próprio, pois ele escreve sobre, temas e autores com o tom declamatório característico do tempo, mais inegável discernimento aparece na maneira por que encarava a sua própria obra, deixando claro o intuito de criar a contradição e o choque de tonalidades, próprios do Romantismo.⁴⁷

Eugênio Gomes, no livro *A literatura no Brasil*⁴⁸, obra de crítica literária organizada por Afrânio Coutinho vai dizer que, na verdade, Álvares teria sido sufocado pela realidade de seu país, pois “(...) distraído pelo cosmopolitismo intelectual, Álvares de Azevedo não sentiu entranhadamente a nossa natureza, e, longe de lhe exaltar os encantos ou a selvagem majestade, parece ter vivido de algum modo esmagado ou constrangido pelo ambiente físico brasileiro.”⁴⁹

⁴³ Idem, *ibidem*.

⁴⁴ Idem, p. 241

⁴⁵ Idem.

⁴⁶ CANDIDO, Antônio. **Iniciação à literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2013.

⁴⁷ Idem, p. 52-53.

⁴⁸ COUTINHO, Afrânio. (Org.). **A Literatura no Brasil**. São Paulo: Global, 2004.

⁴⁹ Idem, p. 141.

A esse personagem seria relegado um ponto de vista oposto da sua realidade, mas ainda sim tendo sido muito influenciado por ela. Álvares de Azevedo tem, então, lugar consagrado nessa trajetória do romantismo brasileiro, mesmo sem ter julgado estar intimamente ligado às problemáticas em pauta nas obras da maioria dos artistas, seus contemporâneos. No entanto, as visões a seu respeito, mesmo taxadas como “fora” das discussões políticas do período e das conturbações sociais que atingiam o seu tempo, teriam promovido questões a respeito do seu legado: teria ele permanecido isolado de sua realidade e somente esboçado em suas obras o que tinha aprendido da escola romântica ou só exprimiu os sentimentos de um jovem prodígio que era?

Esse foi um dos pontos que circundaram a figura de Álvares de Azevedo, e como dito suas respostas criaram uma imagem dicotômica do poeta. Suas interpretações ao longo do final do século XIX até meados do século XX abriram possibilidades para que as leituras das suas obras e dos testemunhos deixados por ele tenham propiciado a criação de uma *personagem* das narrativas de muitos intelectuais que sobre ele se dedicaram a pesquisar, ou a escrever sobre sua vida e sua obra.

1.2 O discurso em forma de narrativa

Vieira Souto, tendo iniciado a sessão rememorando os primeiros nomes da ilustre instituição, retoma como abertura de sua fala as memórias do Instituto ligadas a esses símbolos literários nacionais. Ao mesmo tempo em que se coloca entre esses nomes relega a si mesmo essa função de figura literária.

Seu discurso⁵⁰ passa então a ser tecido quase como uma narrativa, em terceira pessoa, um narrador onisciente atento a cada detalhe da vida de seu personagem. Conduz a atenção do espectador, unindo literatura e realidade, construindo um relato para apresentar a trajetória do já celebre personagem da história literária nacional.

⁵⁰ Discurso entendido como mensagem oral, solene que um orador profere em público, para determinado fim e audiência.

Na manhã de 12 de setembro de 1831, saíra Ignácio Manuel deixando em casa a parteira, e fôra assistir às aulas do quinto ano; ao voltar acompanhado por alguns colegas pouco depois do meio dia, na janela mostra-lhe a parteira um menino, dizendo: 'Já nasceu-lhes mais um estudante'.⁵¹

Descrevendo desde o momento do final da gravidez de dona Maria Luiza, ainda jovem, até a morte do poeta, Viera Souto preenche o enredo como uma testemunha, que acompanhara tudo de perto.

Crescia Manuel Antonio, cercado do conforto proprio às famílias muito abastadas, até que os cinco anos, gravíssima enfermidade prosta-o ao leito, de onde só saiu após crueis padecimentos. No ano seguinte é matriculado, junto com o filho de um potentado da época, em colégio de Niterói; o professor declara ser o menino sem nenhuma inteligencia (a expressão foi muito mais energica), não podendo competir com o talentoso colega.

Ofendida e não se conformando com esta violenta asserção, retirou-o do colégio d. Maria Luiza e morando na praia do Flamengo, esquina da rua do Infante [...] matriculou-o no Colégio Stoll, em princípios de Janeiro de 1840, e aí nesta chacara, onde hoje é a rua Farani, vinha todo o dia a cavalo o pequeno Manuel Antonio se instruir.⁵²

Fica claro de início que seu discurso versará sobre a trajetória de um gênio, um menino a quem os leigos nada atribuíram, mas que seria consagrado como um dos grandes nomes da literatura brasileira.

Três meses não eram passados e Stoll, professor severo e justo escreve a seus pais: 'Votre petit Manuel m'enchante toujours davantage; c'est bien l'enfant de la plus belle espérance de mon collège, excepté pour la gymnastique, où il est le dernier...'.⁵³

Que diferença do professor de Niterói, que continuava a esforçar para ver se conseguia do talentoso colega de Manuel Antonio o aprender as primeiras letras, cousas que creio não ter conseguido nunca.⁵³

Mesmo tendo sua capacidade exaltada pelo mestre Stoll, Vieira Souto confere a sua vinda a São Paulo, como a sua verdadeira iniciação ao brilhantismo. É após sagrar-se como

⁵¹ Idem, *ibidem*.

⁵² Idem, p. 474.

⁵³ Idem, *ibidem*.

bacharel do Colégio Pedro II, que Álvares segue para São Paulo em companhia de seu tio a fim de se preparar para o curso de Direito na Faculdade do Largo São Francisco.

Ao destacar este episódio, Vieira Souto apresenta também fator de grande importância na vida do poeta. Sua circulação pelos lugares também consagrados da história nacional tornam-o ainda mais um símbolo legítimo dessa nacionalidade pelo qual deve ser lembrado.

Nos oitocentos, tanto o Colégio Pedro II como a Faculdade de Direito do Largo São Francisco representavam pólos de formação da intelectualidade brasileira, idealizados no período imperial. O Colégio Pedro II, por exemplo, foi estabelecido pelo imperador Pedro II, em 1838, “De orfanato humilde, o ‘Pedro II’ — como era chamado — se transformaria na ‘glória’ do nosso ensino; uma espécie de ‘símbolo de civilidade’, de um lado, e de pertencimento a uma elite, de outro.” ⁵⁴. Só em suas instalações, naquele período, poderia consagrar-se bacharel em letras e ainda sair com uma habilitação para o ingresso nas faculdades imperiais. ⁵⁵

Já a Faculdade de Direito paulista figurava como reduto para a formação dos magistrados do país, que se dedicariam principalmente a política. Tinha como objetivo, como afirma Vitor André de Souza ⁵⁶, o ensino jurídico pensado como modelador do caráter dos seus estudantes, “(...) como preparação para a vida pública em uma realidade que estava se construindo.” ⁵⁷. Era prerrogativa, então, a formação de uma elite intelectual, de homens cultos, letrados, disciplinados, que fossem capazes não só de estabelecer as leis e a ordem no país, mas também as representações políticas e culturais do Brasil.

Na continuação da narrativa, Vieira Souto destaca que ao mesmo tempo em que o jovem escritor começa a trilhar seu caminho, um fator persegue sua figura e sua trajetória “heróica”. Um prenúncio é evocado pelo médico que diz à sua audiência que pouco antes da partida do menino a São Paulo, sua mãe teria tido um pesadelo vendo seu filho morrer e depois ser exumado, no entanto sem ter acesso aos seus restos mortais.

A curiosidade do fato procura aguçar seus ouvintes, o episódio acrescido à narrativa alerta os expectadores para a dúvida “Teria Dona Maria Luiza previsto mesmo o destino de

⁵⁴ SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. cit.

⁵⁵ BOSI, Alfredo. Op. cit.

⁵⁶ SOUZA, Vitor André de. O curso jurídico paulistano e a origem do ultrarromantismo de Álvares de Azevedo. In: CALDEIRA, João Ricardo de Castro; ODALIA, Nilo. (Orgs.). **História do Estado de São Paulo. A formação da Unidade Paulista**. Vol.I. São Paulo: Editora Unesp; Editora Imprensa Oficial; Arquivo Público do Estado, 2010. pp. 309-330.

⁵⁷ Idem, p. 316.

seu filho?”. Vieira Souto segue: “Nenhuma importância deram ao sonho e quasi esquecida ficou esta profecia tão fúnebre.”⁵⁸. Mesmo assim o jovem segue para São Paulo e dá início as suas mais preciosas experiências e compõem seus primeiros escritos. É nesse período que escreve “Noite na taverna”, a partir do que Vieira Souto acredita ser uma expressão de suas observações pela cidade.

A essa altura ele lança mão de seu primeiro documento inédito, um escrito do próprio autor sobre esses seus primeiros rascunhos.

São os primeiros cantos de um pobre poeta. Desculpai-os. As primeiras vozes do sabiá não teem a doçura dos seus cantos de amor.

E’ uma lira, mas sem corda; uma primavera, mas sem flôres; uma corôa de folhas, mas sem viço.

‘Cantos espontaneos do coração, vibrações doridas da lira interna que agitava um sonho, notas que o vento levou – com isso dou lume estas harmonias.’⁵⁹

Vieira Souto constrói seu discurso não só como mera figura intelectual, mas como um membro do Instituto e que a ele também presta suas homenagens. Como dito, desde sua fundação o IHGB priorizava a divulgação de documentação que convergisse com interesses dessa história nacional. E quando Vieira Souto, no início do seu discurso diz que sua fala carrega certo ineditismo, refere-se justamente a trechos de cartas e anotações do próprio poeta, que se encontravam em sua posse. Consegue então, juntar poemas e fatos curiosos da vida do escritor, enriquecendo o valor histórico de sua narrativa.

As atividades do escritor não se limitavam apenas aos seus textos literários, Luiz Felipe enumera as relações que estabelece com outros intelectuais, a colaboração no “Ensaio Literários do Ateneu Paulistano” e a fundação da Associação Ensaio Filosofico Paulistano. Ao citar os feitos e atributos de tal organização, Vieira Souto apresenta a primeira carta inédita. E um segundo documento novo surge no discurso do intelectual, a carta de Álvares de Azevedo enviada a Domingos Jacy Monteiro, também poeta, médico, advogado e crítico literário; que teve como assunto a organização das tiragens de um jornal que pretendia montar, formas de assinaturas, a fim de poderem publicar exemplares em montantes significativos e a discussão acerca do nome do periódico.

⁵⁸ RIHGB, Op. cit. p. 475.

⁵⁹ Idem, p. 476.

Monteiro

Si não arranjares o negocio do jornal com os 12 rapazes, atende no que te vou expôr.

Nós podíamos só publicar um jornal.

Por 27\$ mensais não imprimimos três números, cada um do formato do – *Marimbondo* – ; e para que mais? Cuidaremos sómente em arranjar 100 assinantes, pagando cada um a quantia de 1\$000 por tres mêses. Não se publique o jornal sem ser preenchido êsse número; eu me encarrego de angariar 40; você tem muitos conhecidos acadêmicos e póde arranjar o resto: a assinatura é muitíssimo leve; uma pataca por mês!

Posso arranjar poesias do dr. Macedo, Julio Armando de Castro, Moraes Costa e eu darei a minha penada; o Almeida no ajudará, o Luiz Corrêa de Azevedo e outros; já de ti não falo, pois és *poço inesgotável*. E que dirás a isso?

Ficarás com o direito (sem apelação) de redator em chefe, admitindo, ou rejeitando todos os trabalhos, que não forem importantes. Para um jornal pequeno ha muito onde escolher, e a escolha póde ser perfeita. Uma folha bem escrita, ainda que pequena tem muito valor. As oito paginas do *Beijaflor* não se equipararão às quatro da *Voz da Juventude*.

O jornal sendo pequeno, cai-lhe bem o nome de – *Crepúsculo* –, ou *Estrela*.

Pensa bem, e verás que eu tenho razão.

Com menos de 100 assinantes poderíamos publicar; mas eu prefiro o maior número para evitar abusos.

Pensa bem, e verás que eu tenho razão. – Adeus Monteiro. – Teu amigo, *Azevedo*.

Rio, 9 de Setembro.

P. S. – O tipo pequeno e entrelinho

Leva muita matéria.

N. B. – Póde ser que arranjemos com o Menezes, que nos fará isto o melhor possível.⁶⁰

Apresenta-se um Álvares de Azevedo engajado, crítico e ativo. Sua produção claramente não se limitou aos seus escritos publicados dos quais temos conhecimento nos dias de hoje, foi também idealizador de diversos empreendimentos para a produção intelectual paulista como um todo. Foi responsável também por debater sobre as letras nacionais e problematizar questões sobre a educação e o próprio papel da literatura.

Entretanto, cruza a narrativa um novo fato sobre o poeta personagem. Sua mudança de humor e as teorias a respeito de suas paixões passam a compor sua imagem.

Nesta época, o seu genio alegre começa a sofrer modificações, apesar de brilhar, de vez em quando a veia satírica, tal como em um baile de carnaval do ano de 1851, em que apresentou-se fantasiado de mulher, a intrigar ministro europeu aqui acreditado e pretendente á mão de uma de suas irmãs: Mariana Luiza.⁶¹

⁶⁰ Idem, p. 477-478. *apud.* **RIHGB**. Volume II. Rio de Janeiro, 1931.

⁶¹ Idem, p. 478.

As mudanças de humor são testemunhadas na segunda carta, também inédita, presente no discurso, enviada em 6 de Julho de 1851 à sua mãe, Álvares, em tom melancólico, escreve sua despedida.

Minha mãe:
 Esta carta é um adeus do filho saudoso a sua mãe.
 E' uma flôr destas montanhas, murcha e seca, já que o céu desta minha terra não tem orvalhos doces nem o sol raios de ouro para aviventar flôres do coração.
 São versos. Não tenho mais nada que dar-lhe, nem tenho tintas aqui para fazer-lhes um desenho no dia de seus anos.
 Os versos são tristes, porque eu sou: triste como a solidão, solitários como a palmeira perdida no meio das ondas, que sente ainda o rochedo apartar suas raízes e a espuma do oceano desbotar as suas folhas. Por isso escrevi-os na folha que tinha aquele emblema.
 Adeus, minha mãe, lance sua benção sobre seu filho do coração, *Manuel Antonio*.⁶²

Vinda acompanhada de um poema, ela parece ser assim como a nota feita por ele, citada por Vieira Souto, um prefácio ao que se segue: “Só levo saudade – é dessas sombras. Que eu sentia velar nas noites minhas... De ti, ó minha mãe, pobre coitada, que por minha tristeza te definhas.”⁶³

Vieira Souto preocupado em compor sua narrativa sobre a trajetória do poeta não se permite explorar o teor de tal carta ou mesmo perceber a importância do documento inédito que tinha nas mãos. Seu uso documental serviu para reiterar a leitura de um Álvares de Azevedo que tinha em sua personalidade um lado obscuro que veio a desabrochar principalmente nos seus últimos anos de vida. O poeta da noite, cercado de sonhos e delírios circundados de trevas e inquietações. O desejo e o flerte com morte.

Seguido da carta enviada à mãe o intelectual também destaca a carta enviada à irmã.

Minha irmã:
 No dia de teus anos, que queres que eu te digas? Que os anos da virgem são como as manhãs das flores? E que, na aurora da vida, flores e donzelas, cintilantes do orvalho de Deus, têm mais pureza e perfume? Não.
 Dir-te-ei sómente uma coisa. – E' que lá no Rio vale talvez a pena fazer anos. Numa tarde de primavera e de esperança, vivendo e sentindo-se viver, é doce porventura sentir que mais um ano passou como um sonho, mais um ano de saudade e felicidade.
 Aqui não acontece assim. – O céu tem nevoas, a terra não tem verdura, as tardes não tem perfume. E' uma miséria! E' para desgostar um homem toda a sua

⁶² Idem, p. 479. *apud*. **RIHGB**. Volume II. Rio de Janeiro, 1931.

⁶³ Idem, *ibidem*.

vida de vêr ruínas! Tudo aqui parece velho e centenário... até as moças! são insípidas como a mesma velhice!

O dia 12 de setembro está para chegar. Estou quasi não fazendo anos desta vez.

Adeus, minha irmã. A página nova da vida, que se abriu hoje, seja tão feliz como a aurora, o futuro tão suave como a saudade é doce. Adeus!

E' a palavra que dentre as taipas em ruínas da nossa terra te envia teu irmão do C. Azevedo. ⁶⁴

O tom pessimista é mais latente, Álvares parece também fazer um desabafo à irmã sobre as condições da província paulista. O clima interiorano e a paisagem bucólica tornam a então pequena cidade um cenário pouco convidativo em relação a capital carioca, e se apresenta como um cenário propenso as suas angústias.

Naquele período a cidade do Rio de Janeiro configurava-se, como um grande reservatório, acomodando assim diversas atividades, que abrigava não só o comércio interno como externo, por ser escala quase obrigatória de navios, formando um ponto de encontro e de redistribuição da economia nacional durante o século XIX. Esse grande fluxo de navios, mercadorias e pessoas logo tornaram a cidade um pólo de diversas práticas culturais.

Em 1850, o aumento da circulação de pessoas na cidade do Rio de Janeiro fez com que a região tivesse conhecido um crescimento econômico de fato com o aumento de importações (bens de consumo semiduráveis, duráveis, supérfluos, jóias, etc). Com a inauguração de uma linha regular de navios a vapor que cumpriam a rota entre Liverpool, na Inglaterra e o Rio de Janeiro, o tempo imperial passou a acompanhar os relógios da modernidade europeia. As compras e as vendas de mercadorias, cartas e encomendas, taxas de câmbio, juros comerciais, viagens de parentes e amigos possuíam, doravante, um parâmetro temporal fixo, pautado na pontualidade inglesa de suas trocas comerciais. ⁶⁵

Esse contexto é que provocava, na visão do poeta, essa dicotomia entre ambas as regiões. Pois, enquanto o Rio de Janeiro se tornava um centro de referenciais dos costumes burgueses, a pequena cidade de São Paulo ainda passava por uma transição que a deslocaria de um pequeno vilarejo de taipas para uma metrópole centro do capital cafeicultor. ⁶⁶ O status que já tinha sido alcançado pelo Rio de Janeiro nesse período, só conseguiria atingir a então

⁶⁴ Idem, p. 479-480. *apud*. **RIHGB**. Volume II. Rio de Janeiro, 1931.

⁶⁵ NOVAIS, Fernando (Coord.). **História da vida privada no Brasil**. Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. v. 2. p.38.

⁶⁶ OLIVEIRA, Milena Fernandes de. **Consumo e cultura material, São Paulo “Belle Époque” (1890-1915)**. Tese (Doutorado em Economia) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 429 p. 2009.

província paulista de 1870 em diante, momento em que houve uma explosão populacional no prazo de 20 anos. Naquele momento o vilarejo, nada mais era do que um burgo de estudantes, os responsáveis por promover o desenvolvimento da cidade.

Ubiratan Machado, por exemplo, alega que os estudantes é que mudaram radicalmente todo o perfil da cidade, promovendo a alegria dos bailes, reuniões, proporcionando o aumento do comércio com a vinda de mercadorias da Corte e da Europa.

A cidade se enriquecia também culturalmente. Pela primeira vez em sua história, três vezes centenária, passava a ter vida literária e uma produção de poemas, contos, romances e ensaios que algumas vezes superava em qualidade, o que se produzia na Corte, renovando a literatura nacional.⁶⁷

As inúmeras atividades desenvolvidas pelos estudantes são citadas também por Azevedo, e mesmo sendo pouco florescente em relação a capital, São Paulo ainda conseguiu apresentar-se como um cenário inspirador ao poeta, que de suas vivências e experiências conseguiu compor obras e reflexões, como citou o próprio doutor.

A carta à irmã é o último dos documentos inéditos apresentado por Vieira Souto, o seu discurso se encaminha para o fim ao narrar as férias do jovem escritor no Rio, suas últimas, em que sofre um acidente a cavalo que depois lhe causa grave complicação resultando em sua morte⁶⁸. “Cumpria-se a primeira parte do sonho materno, e na tarde do dia seguinte era sepultado o cantor da *Lyra dos Vinte anos*, o nosso maior romântico, no cemitério Pedro II, na explanada da Praia Vermelha [...]”⁶⁹.

No entanto, uma tempestade destrói o cemitério Pedro II e acaba por revirar algumas sepulturas.

⁶⁷ MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o romantismo**. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010. p. 198.

⁶⁸ A *causa mortis* do poeta também é alvo de grande debate entre seus estudiosos. No entanto, em 1976, na edição de Vicente de Azevedo sobre as cartas de Álvares de Azevedo, o editor dedica sessão para esclarecer o mito e explicar causa real da morte. “Desfeita a lenda da tuberculose pulmonar, que somente poderia ter sido tremendamente galopante, o mais suspicaz e teimoso leitor, à vista da prova testemunhal e documental, - deve estar convencido de que Álvares de Azevedo faleceu em consequência de um tumor situado da fossa ílica esquerda. O tratamento, além dos paliativos, visando amenizar as dores atrozes, tratamento alopático, como registraram os médicos, - consistiu em talha, destinada a reduzir, ou drenar a coleção purulenta. Esta operação resultou ineficaz, nem poderia ser de outra forma. Teve como consequência apressar a infecção geral. Repetindo: a rutura do intestino grosso (ou do intestino reto, o que é menos provável, mas não impossível) foi causada pela queda do cavalo, pelo trauma. Evolução do mal, ou consequências : a formação do tumor; a infecção generalizada a apressada pela operação, sobrevivendo a morte por septicemia. Causas remotas: a queda e a ruptura; causas mortis: a infecção generalizada.”. In: AZEVEDO, Vicente de. **Cartas de Álvares de Azevedo**. Biblioteca Academia Paulista de Letras. Volume 1, 1976. p. 212-213.

⁶⁹ RIHGB, Op. cit., p. 481.

O médico em dramaticamente vai encerrando seu discurso relatando o ocorrido.

O dr. Calvar, amigo da família, faz que o recomponham e escreve imediatamente a d. Maria Luiza, que sem perda de tempo, embarca e chega ao Rio, indo toda a família ao cemitério abandonado, nas fraldas da montanha.

Lá chegada, ajoelha-se a família e preces fervorosas sobem ao Altíssimo.

Só um ente não se acercou do tumulto reconstruído, é o *Fiel*, o companheiro dos passeios ao cair da tarde: - afasta-se, penetra no matagal e vai escavar o chão, uivando doridamente numa clareira; o italiano, supersticioso como todo bom italiano, aproxima-se e diz a d. Maria Luiza: 'Senhora, o menino está aqui'. Ao ouvir as palavras de Angelo, a triste mãe, evoca o sonho, que vira realizar-se e resolve incontinentemente retirar o filho do cemitério abandonado para recolhê-lo ao novo, que ora se erguia no caminho do Berquó.⁷⁰

Sua narrativa aí se encerra. Retoma o prenúncio da mãe e amarra a trama criada para a exaltação do poeta. Em sua última afirmação, costura o discurso aos propósitos da Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Citando outro intelectual da Revista, Alcides Maya, diz

Embora não possuindo o Brasil de então razões bastantes para que se implantasse aqui: 'A propagando romântica fôra feita sôbre motivos emocionais: a escola triunfante na Europa podia vencer, e venceu na América, mercê de seu sentimentalismo e das suas utopias humanitarias. Despertamos para vida livre e recebemos, combinada com outros, a herança iberica. Por isso duas notas assinalarão o romantismo sul-americano: a visão pessimista e o sentimento otimista, o supremo desengano da vida contrastando com todas as ilusões cívicas e doutrinarias da adolescência.'⁷¹

Vieira Souto retoma aqui algumas questões em torno dessa temática do romantismo nacional. Nesse cenário ele inseriu seu personagem: mártir da literatura, gênio incompreendido e jovem de sentimentos perturbado. Tudo isso era a combinação de pura expressão do romantismo que circulou no Brasil.

As cartas de seu professor à família, a referência à posse da edição de Byron rabiscada pelo poeta e as citações de poemas e rascunhos de Álvares, demonstram o acesso aos itens que Vieira Souto possuía e ao imenso memorialismo que carrega a figura do poeta.

A partir de todo esse arsenal documental inédito, Luiz Filipe Vieira Souto, constrói, aos moldes das bases do Instituto, uma narrativa sobre uma de suas figuras literárias mais

⁷⁰ Idem, p. 482.

⁷¹ Idem, p. 483.

importantes. Reitera a união da história e da literatura, prezada pelo discurso nacional e compõe o personagem dessa história.

No entanto, é a partir dessa construção fundamental que partem as leituras sobre o poeta e sua vida. Por meio da documentação trazida e resguardada por Vieira Souto é que se passa a criar novas narrativas para esse sujeito histórico, que figura como personagem nacional.

No ano do discurso de Vieira Souto, configura-se também não só as forças vindas de um passado imperial, mas também de recuperação do passado para a construção de um novo discurso nacional. A retomada dos heróis, dos mitos, dos símbolos nacionais tinha ainda mais relevância ao longo de todos os anos 1930.

Caberia, a figuras de intelectuais, como a do próprio Luiz Felipe Vieira Souto, entre outros, recuperar esses elementos. Retomamos então a ideia posta por Velloso sobre a importância da instituição IHGB e da figura dos intelectuais. "Nos momentos de crise e mudanças históricas profundas - instauração do Império, Proclamação da República, Revolução de 30 e Estado Novo - as elites intelectuais marcaram sua presença (...)" ⁷², tanto na política, como na cultura, educação etc.

Por isso, não era mais suficiente verbalizar a exaltação desse poeta: era preciso referendar sua importância com a divulgação de suas obras e alinhar a elas a figura de uma personagem que, de certa maneira, incorporava o mito do poeta romântico por excelência.

⁷² VELLOSO, Mônica Pimenta. **Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. CPDOC, 1987.

CAPÍTULO 2 - Um empreendimento moderno: uma edição completa.

Em 1931, mesmo ano do discurso proferido por Luís Felipe Vieira Souto, também era publicada a *Revista Nova*, em que estavam a frente de importantes nomes como Mário de Andrade, Alcântara Machado e Paulo Padro, com a colaboração de outros intelectuais como Afrânio Peixoto, Azevedo Amaral, Vicente de Azevedo etc. Homero Pires publica no terceiro número da revista, em seu primeiro ano, um texto intitulado "As influencias de Álvares de Azevedo", e onze anos depois, se tornou o organizador da oitava edição das *Obras Completas de Álvares de Azevedo*. A edição foi publicada pela Companhia. Editora Nacional em 1942, apresentada em dois tomos, e reuniu os textos publicados do poeta e documentos referentes a sua história, como seus discursos, uma breve biografia e suas cartas.

Mais do que as anteriores, contem esta [edição] o seguinte:

O *Conde Lopo*, que apenas tivera, em 1886, uma edição autonoma, sem jamais haver sido encorpoado às *Obras*, e achando-se de há muito esgotado, estimando-se já como especie pouco commum;

O *Livro de Fra-Gondicario*, inedito, copiado na Bibliotheca Nacional do seu manuscripto truncado, pois começa na terceira parte (*Labios e Sangue*), e esta é por sua vez incompleta, faltando-lhe todo o capitulo terceiro e algumas paginas esparsas;

Cincoenta e oito cartas, que reproduzimos do annexo á conferencia sobre o poeta do Sr. Dr. Luís Filipe Vieira Souto, inserta nos *Dois Romanticos Brasileiros* (Rio, 1931, pgs. 35-92).⁷³

Para além destes textos inéditos, a edição apresenta *A Lira dos Vinte anos*, *Macário e Noite na Taverna*, textos já conhecidos e amplamente publicados em edições individuais.

Quarto volume da coleção "Livros do Brasil", as *Obras Completas de Álvares de Azevedo* parece retomar as perspectivas de uma literatura tipicamente nacional. No entanto, desta vez o diálogo não é com a elite política e seu projeto nacional de meados do século XIX, mas com um novo projeto nacionalista ligado aos vários empreendimentos da intelectualidade brasileira.

⁷³ PIRES, Homero. **Obras completas de Álvares de Azevedo**. 8. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942. p. XXVII.

2.1. A intelectualidade e o cenário nacional

Nos momentos de crise e mudanças históricas profundas - instauração do Império, Proclamação da República, Revolução de 30 e Estado Novo -, as elites intelectuais marcaram presença no cenário político, defendendo o direito de interferirem no processo de organização nacional.⁷⁴

O projeto nacionalista foi uma ideia que tomou forma no século XIX, no entanto foi entre os anos 1930 e 1940 que este programa passou a adquirir bases mais sólidas, agregando discussões e planos de diversas vertentes políticas, ideológicas e sociais. Amplamente discutida entre os intelectuais da época, o tema nacional era o principal assunto de qualquer aspiração política ou artística que se pretendesse séria. Destaca-se o papel da intelectualidade brasileira neste processo.

Velloso, mais uma vez nos elucida a respeito da participação do intelectual no cenário nacional e em suas bases sociais. A autora destaca que nesse momento político da História do Brasil (1930 a 1940) os intelectuais se consideravam agentes da consciência e do discurso. Cabia a eles então esse papel de condutor político e social. "Fabricante de ilusões ou consciência da nacionalidade, ele foge ao padrão do homem comum. Assim, o intelectual era sempre designado para o exercício de alguma função e/ou missão especial que variava de acordo com a conjuntura nacional."⁷⁵

Desde 1870 compete a essa camada intelectualizada pensar sobre o contexto nacional e encontrar soluções para a busca de uma ideia de nacionalidade e identidade nacional que era discutida desde o início do século. No entanto, nos decênios finais do século XIX essa figura intelectual atuava, de certa forma, ao largo das principais decisões do estado. Cabia a eles somente formar o rol cultural da nação, como bem vimos, principalmente, no cenário literário.

Na década de 1920, já no contexto pós Primeira Guerra, em que as devastações provocadas pelo conflito e as novas configurações políticas e territoriais provocaram uma nova percepção acerca do entendimento do mundo e principalmente da questão nacional, retomou-se o tema da nacionalidade como foco primordial, atrelada de forma contundente a esse engajamento social, que passou a se intensificar nos anos 1930.

⁷⁴ VELLOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge. **O Brasil Republicano**. O tempo de nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. V. 2. p. 147.

⁷⁵ Idem. p. 152.

Com isso, na década de 1930, essa figura social do intelectual passou a adquirir ainda maior importância. Ao deslocar seu lugar de atuação da chamada "torre de marfim" para a arena política, esse grupo ganhou força e assumiu a posição de ser o representante da "consciência nacional" ⁷⁶.

O projeto político que nasceu a partir da Revolução de 1930, construído por Vargas, impunha essa alteração do espaço de atuação da intelectualidade.

É a partir da década de 1930 que eles passam sistematicamente a direcionar sua atuação para o âmbito de Estado, tendendo a identificá-lo como representação superior da idéia de nação. Percebendo a sociedade civil como corpo conflituoso, indefeso e fragmentado, os intelectuais corporificam no Estado a idéia de ordem, organização, unidade. ⁷⁷

Com a implementação do Estado Novo, esse lugar da intelectualidade passou a ser primordial, como afirma Velloso, "de inimigo do Estado, o intelectual deve se converter em seu fiel colaborador, ou seja, ele passa a ter um dever para com a sua pátria." ⁷⁸. A nova dinâmica passou a configurar entre os intelectuais e a política: "um idealiza e outro executa". E a idealização dos projetos propostos por esses intelectuais era de ser um importante ator político, como também de assumir a função de intermediário social, aquele que faz a ponte entre o Estado e a sociedade, cujo objetivo era exprimir a "vontade popular" a ser executada pelo Estado. ⁷⁹

Nesse sentido,

Se, historicamente, a construção do nacionalismo vinha se constituindo em uma das preocupações fundamentais dos intelectuais, agora eles passariam a situar a sua tarefa nos domínios do Estado. Verifica-se, então, a união das elites intelectuais e políticas que se pretendem as verdadeiras expressões de uma política superior. ⁸⁰

E essa relação entre intelectuais e o Estado se expressou principalmente na propaganda política e na educação. Associados em sua grande parte ao novo regime, coube a esse grupo

⁷⁶ VELLOSO, Mônica Pimenta. **Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. CPDOC, 1987. pp. 1-56.

⁷⁷ VELLOSO, Mônica Pimenta. Op. cit. 2007. p. 148.

⁷⁸ VELLOSO, Mônica Pimenta. Op. cit. 1987. p. 14.

⁷⁹ Idem.

⁸⁰ VELLOSO, Mônica Pimenta. Op. cit. 2007. p. 149.

de pessoas esclarecidas buscar "educar" a coletividade de acordo ao que se propunha o governo.⁸¹ Como afirma Antônio Cândido, na década de 1930 apresentaram-se tendências de educação política e reforma social; a ânsia de conhecer o país, a arte interessada e a investigação histórico-sociológica demonstraram a exacerbação do que Cândido intitulou de localismo tipicamente modernista, associado ao nacionalismo, transferido para o terreno da política.⁸²

2.2. O mercado editorial como prática intelectual

Essa ânsia pela ação deu origem a diversas frentes de práticas intelectuais, uma delas foi expressa por meio do mercado editorial brasileiro.

Quando tomamos a obra organizada por Homero Pires, publicada em 1942, editada pela Cia. Editora Nacional, pertencente à coleção *Livros do Brasil*, devemos entender tal obra como parte de uma ação política intelectual por meio da imprensa, com a divulgação e circulação de todo tipo de material que levasse informação a todos os cantos do Brasil, tratando de temas diversos.

Configura-se nesse cenário a grande importância do livro como objeto caro aos discursos intelectuais. Sendo "reconhecido como instrumento fundamental da cultura, seu destino se identificaria com o da civilização brasileira, como índice, produto e objeto de cultura."⁸³

Com relação aos debates sobre a nação, Eliana de Freitas Dutra identificou como um "lugar de expressão das culturas literárias e das tradições do saber, peça-chave da fortuna cultural da língua brasileira, espaço de expressão das ideias, em que o livro foi considerado o grande repositório da cultura nacional e indicador do grau de civilização do Brasil."⁸⁴

Contudo, estava aí o problema, como o livro, e consequentemente a leitura, poderiam ser repositórios de cultura e apelo nacional se o Brasil era considerado um país de poucos

⁸¹ Idem.

⁸² CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. Estudos de teoria e História literária. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

⁸³ DUTRA, Eliana de Freitas. Cultura. GOMES, Angela de Castro. (Coord.). **História do Brasil nação: 1808-2010**. Olhando par dentro 1930-1964. V. 4. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. p.229.

⁸⁴ Idem. p. 230.

leitores? É sob esse questionamento que temos centrados os grandes debates intelectuais a partir das décadas 1920 e 1930. O livro acabou se tornando pauta para novas propostas e iniciativas relativas ao mundo editorial e a formulação de políticas públicas voltadas principalmente para a questão da formação de leitores.

Não é por acaso que discursos e artigos sobre a leitura no Brasil povoavam as bancadas das academias e as páginas dos periódicos, como o exemplo do discurso proferido por Levi Carneiro, escritor e advogado, em que apresentou uma visão pessimista desse cenário literário brasileiro. Carneiro acreditava que o país ainda demonstrava carências quanto à: implementação de bibliotecas públicas, acerca da promoção do livro nacional dentro e fora do nosso território, da participação do Brasil em exposições literárias e feiras de livro, insuficiente número de livrarias e de bom trabalho editorial. Acrescenta-se a isso a alta taxa de falência das editoras, a falta de pagamento de direitos autorais, a má qualidade de impressão dos livros e o alto preço do papel.⁸⁵

Como em um bom debate, houve quem defendesse ferrenhamente uma visão mais positiva, como outro caso mostrado por Eliana de Freitas Dutra, do educador e editor Lourenço Filho. Contrariando Levi Carneiro, ele acreditava que o Brasil nunca esteve em uma situação tão favorável, na qual, sobretudo, o engajamento em projetos educacionais ajudaram a promover a produção dos livros, principalmente para as escolas e para as crianças, mas também como forma de ampliar o número de bibliotecas, da produção de livros e do número de leitores.

A prova de que Lourenço Filho poderia estar certo está justamente na atuação de uma figura importante para o panorama editorial e literário brasileiro: Monteiro Lobato.

Monteiro Lobato, figura indispensável do ramo editorial e intelectual brasileiro, foi quem, a partir dos anos 1917, deu os primeiros passos para o renascimento da atividade editorial brasileira. "Sugere-se, às vezes, que o posterior envolvimento de Lobato no negócio de livros foi resultado acidental de seu êxito com *Urupês*, que lhe proporcionou uma clara visão do quanto era mal organizada a atividade editorial da época no Brasil."⁸⁶ Entretanto foi após seu compromisso com as edições da *Revista do Brasil* que Lobato passou, de fato, a

⁸⁵ Idem.

⁸⁶ HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. São Paulo: EDUSP, 2005. p. 356.

mergulhar no trabalho editorial. Engajou-se de início a publicar trabalhos de amigos e depois a incentivar o lançamento de novos talentos.

Em apenas sete anos após o início de suas atividades, Monteiro Lobato conseguiu revolucionar a indústria editorial e contrariou as tendências pessimistas, ao lançar novos autores e pagar direitos autorais. Seus investimentos em propaganda, no barateamento da edição dos livros e posteriormente na produção do seu próprio papel, em sua própria gráfica, foram fatores que contribuíram para essa transformação significativa da editoração no Brasil.

Dentre essas ações, Lobato manteve algumas firmas, como a Monteiro Lobato & Cia. e a sua sucessora, a Cia. Editora Nacional, que ocupou "(...) o primeiro lugar entre as firmas brasileiras dedicadas exclusivamente à edição de livros, desde 1921 até princípios da década de 1970, sem interrupções." ⁸⁷ Mas Lobato não obteve o sucesso da Cia. Editora Nacional sozinho. Ele também contou com a importante colaboração de Octalles Marcondes Ferreira, jovem mineiro que desde cedo pôde compreender e colaborar com Lobato.

Destacamos aqui, justamente para o quê é tratado neste trabalho, as ações da Cia. Editora Nacional. Nas palavras de Maria Rita de Almeida Toledo,

A atuação da Companhia Editora Nacional (CEN), entre 1920 e 1970, marca a história da cultura brasileira. Por meio de seus projetos editoriais e de seu abrangente catálogo, fez circular títulos, autores, ilustradores e editores que são referência em diferentes áreas do conhecimento. ⁸⁸

Atrelado a esse cenário de pautas educacionais e editoriais nacionalistas é que surgiram as publicações e coleções da Cia. Editora Nacional. Instituída nos anos de 1925, sob a direção de Lobato e Octalles, a partir dos fundos de falência da Monteiro Lobato & Cia., a editora dedicou-se ao longo dos seus anos de funcionamento a publicar livros escolares e de poesia, bem como a obras de diversos temas como: higiene, saúde, comportamento, ciência etc., para além da especialização em coleções ⁸⁹. De acordo com Toledo, a estratégia das coleções era de poder proporcionar às diferentes editoras o trabalho com diferentes públicos e ordenar, adaptar e selecionar os textos sob sua própria assinatura.

⁸⁷ Idem, p, 368.

⁸⁸ TOLEDO, Maria Rita de Almeida. A Companhia Editora Nacional e a política de editar coleções: entre a formação do leitor e o mercado de livros. ABREU, Márcia; BRAGANÇA, Aníbal. (Orgs.) **Impressos no Brasil**: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp, 2010. p. 139.

⁸⁹ Idem.

Esse investimento gerou tanto sucesso à editora que em 1939 ela já contava com vinte coleções diferentes definidas de acordo com o público que desejavam alcançar:

(...) Biblioteca para Moças, 'a mais criteriosa coleção para moças, publicada em nossa língua'; Biblioteca do Espírito Moderno, 'visa coordenar para o público leitor brasileiro, dentre as obras consagradas pela aceitação pública, aquelas que mais diretamente buscam condensar, esclarecer e popularizar a herança cultural da espécie' (...).⁹⁰

Além dessas outras coleções foram criadas, como: Coleção para todos, Série Negra, Coleção Terramear, Literatura Infantil, Livros Didáticos, Atualidades pedagógicas, Iniciação Científica, Brasiliana, Biblioteca Médica Brasileira, Coleção Cristina, Coleção Viagens, Coleção Os Mais Belos Poemas de Amor, Coleção Os Grandes Livros Brasileiros, Coleção Livros do Brasil e Romances do Povo. Como se pode perceber, os temas realmente variavam muito, mas há, sobretudo, a recorrência de coleções que tratassem de obras de cunho literário voltado para aspectos nacionais.

Para cada coleção também era designado um responsável

(...) que deveria acompanhar atentamente aos movimentos do mercado, selecionar os manuscritos adequados e perceber, pelo conhecimento das práticas culturais em torno dos leitores almejados, as novas possibilidades de expansão do livro naquela determinada fatia do mercado.⁹¹

Dessa maneira, determinavam-se às coleções uma assinatura de grandes nomes da intelectualidade brasileira, demonstrando mais uma vez essa união dos letrados ao mercado editorial e a aposta nesse ramo para a disseminação dessas ideias de mudanças no quadro nacional. Concomitantemente, o mercado editorial apoiava-se nesses nomes para manter-se em movimento. Uma vez que, "esses postos tornam-se importantes posições de poder para o seu organizador, que, (...) interfere no universo de publicação de obras, autores, títulos, impondo suas representações sobre o que é fundamental para a cultura e para o leitor (...)." ⁹²

⁹⁰ Idem, p. 142.

⁹¹ Idem, *ibidem*.

⁹² Idem, p. 145.

2.3. "Livros do Brasil" e suas Obras Completas

É nesse sentido que damos destaque aqui a coleção "Livros do Brasil", onde foi publicada a obra organizada por Homero Pires. *Obras Completas de Álvares de Azevedo* foi o quarto volume da série. Os volumes anteriores foram em sequência: *Obras Completas de Castro Alves*, edição crítica de Afrânio Peixoto; *Panorama da literatura Brasileira*, com introdução e notas também de Afrânio Peixoto; *Obras de Casimiro de Abreu* e, por fim, *Obras Completas de Álvares de Azevedo*, 8ª edição organizada e anotada por Homero Pires em 2 tomos.

A coleção que foi chefiada por Afrânio Peixoto, aparentemente pretendia seguir o sucesso de coleções como *Brasiliana* e *Biblioteca Pedagógica Brasileira*, as quais, ao tratarem sobre aspectos da cultura brasileira, fizeram o nome da Cia. Editora Nacional. Tinha como perspectiva apresentar "(...) todos os livros mestres da literatura brasileira em edição definitiva. Sem seriação cronológica, será o favor público que indicará a amplitude que deve ter a coleção Livros do Brasil." ⁹³

Além dos títulos propostos, já era anunciado após a 4ª edição da coleção mais quatro obras: *Obras poéticas de Gonçalves Dias* criticada com crítica de Manuel Bandeira, *Obras Completas de Gonzaga* com crítica de Rodrigo Lapa, *Obras de José Bonifácio* e *Obras escolhidas do Vicente de Cairê primeiros documentos*, documentos de história e literatura anotados por Rodolfo Garcia e Afrânio Peixoto, e *Cartas Jesuíticas do 1º século*, também documentos de história e literatura sobre os primeiros tempos do Brasil.

A linha proposta por essa coleção estava claramente ligada às bases de seu organizador, em que definitivamente se poderia identificar sua assinatura. Afrânio Peixoto atuou como médico legista, político, professor, crítico ensaísta, romancista e historiador literário. Nasceu em Lençóis, na Bahia, em 17 de dezembro de 1876, e faleceu no Rio de Janeiro em 1947. Tem sob sua autoria o drama "Rosa Mística", publicado em 1900, o primeiro de 32 textos creditados a ele. ⁹⁴ Essa sua ligação com a literatura e a história se torna clara na seleção dos textos que foram publicados na coleção.

⁹³ Informação sobre a coleção presente na quarta capa da edição das *Obras Completas de Álvares de Azevedo*.

⁹⁴ Informação retiradas do site da Academia Brasileira de Letras <<http://www.academia.org.br/academicos/afranio-peixoto/biografia>> acessado em 03/07/2018.

O apreço pelos poetas canônicos da literatura nacional e por textos referentes aos primeiros séculos da formação brasileira revelam uma coleção bem delineada entre esses dois campos de estudos, retomando até mesmo os ideais postulados pelo IHGB, em que literatura e história se fundiam em prol da construção do discurso nacional.

Peixoto, um dos grandes nomes que a Nacional mantinha em sua equipe, assumiu a responsabilidade, por meio desta linha editorial, não só de manter o sucesso e o nome da editora, mas de preservar a função e o papel de um editor que era, como ele mesmo destacou, "(...) lugar de destaque e de importância no cenário cultural, sendo este assediado tanto pela própria vaidade como pelos que pretendem fazer parte do seletivo grupo publicado." ⁹⁵. O objetivo principal, segundo ele, consistia em, se consagrar dentro da editora, como também "(...) fortalecendo seu programa de publicação – como sua condição de organizador da cultura para evitar desvios que a fama e o assédio de interessados possam causar ao programa proposto." ⁹⁶

Para Afrânio Paixoto, seu papel estava para além de um selecionador de textos. Tratava-se de uma missão que procurava promover a produção e a circulação da cultura, justamente "(...) canalizando, selecionando e difundindo conteúdos, autores, temas. O lugar de organizador de coleção permite fazer *estrondar bacamartes* [grifo do autor] no campo cultural." ⁹⁷

Contudo, o que nos interessa aqui é justamente compreender que, mais uma vez, as obras de Álvares de Azevedo juntamente à sua correspondência, são colocadas como um repertório de conteúdo nacionalista. O título “Livros do Brasil” carrega para os textos presentes nessa coleção o ideal de uma época e de um projeto editorial que não estava muito longe do que nos apresentou Luiz Felipe Vieira Souto em 1931. E nem mesmo do que pregava Lobato e outros intelectuais que a ele se uniram, a partir do ideal de reproduzir

(...) em suas publicações a cultura nacional e universal, contribuindo para o desenvolvimento da nação brasileira, e eixo fundamental da formação de empreendimento, a começar pelo próprio nome da empresa, que, por um lado, propõe a unificação do território em termos de distribuição comercial e, por outro, sugere a identificação cultural constituída pelos livros por ela produzidos. ⁹⁸

⁹⁵ TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Op. cit. p. 145.

⁹⁶ Idem, p. 145.

⁹⁷ Idem, p. 146.

⁹⁸ Idem, p. 146.

Observa-se uma transformação do discurso. Antes os textos estavam intimamente ligados à construção de um repertório para a construção da nação. A partir da ação intelectual promovida nos anos 1930, passou-se à promoção dos cânones literários como textos essenciais para a formação da cultura brasileira. Nesse momento, apresenta-se uma certa reafirmação do discurso nacional e uma circulação em massa desta produção, entendida como acessível somente a uma pequena camada da sociedade.

2.4. Homero Pires e sua Obra mais que completa

Um bom editor conta também com sua própria rede de intelectuais para colaborar com o seu projeto. Afrânio Peixoto, além de editor das coleções da Cia. Editora Nacional, arriscou-se a organizar as obras que comporiam sua própria coleção e contou com ajuda de figuras que, como ele, faziam parte do cenário intelectual daquele período.

Homero Pires, por exemplo, letrado baiano, nascido no dia 7 de fevereiro de 1887, cursou as faculdades de Direito do Rio de Janeiro e da Bahia, pela qual se bacharelou em 1910, foi eleito deputado federal em 1924, e desde então exercido papel no cenário político. Foi também diretor da Casa de Rui Barbosa, professor catedrático de Direito e membro da Academia Baiana de Letras. Publicou textos como: *Álvares de Azevedo, ensaio biográfico*, em 1931; *Antônio de Castro Alves, poesias escolhidas*, tendo sido responsável pela seleção, prefácio e notas, em 1947; *Rui Barbosa e os livros*, em 1949; *Rui Barbosa e o Exército*, em 1950 entre outros que tratavam sobre direito e personalidades literárias.⁹⁹

Escolhido para tratar da reunião das obras de Álvares de Azevedo, o fez com muito empenho. "Pusemos nesta edição todo o cuidado e diligencia. Mas ainda ficámos muito longe do ponto a que a pretendíamos levar."¹⁰⁰

Apesar da insatisfação em relação ao próprio trabalho, Homero Pires introduziu no mercado literário uma edição mais que completa. Como dito, além de incluir o esgotado

⁹⁹Informações retiradas do site da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC) < <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/pires-homero> > acesso em: 07 jun. de 2018 .

¹⁰⁰ PIRES, Homero. Op. cit. p. XXIX.

Conde Lopo, insere o inédito *O livro de Fra. Gondicario* publicado a partir dos manuscritos do poeta e as cartas trocadas entre ele e seus próximos.

Apresentada em dois tomos, a edição, não economizou páginas, contudo manteve o ideal gráfico tradicional, com capa simples de cor amarela, em edição pequena, em que o advogado apresenta uma diversidade de textos e anotações a respeito de Álvares de Azevedo. Trouxe ainda imagens dos fac-smiles da primeira edição das *Obras* e do *O livro de Fra. Gondicario*.

Especificamente no tomo 2, ao abrirmos o livro somos envolvidos por essa densidade de textos apresentada detalhadamente em seu índice. Revela-se uma linha editorial, em que são indicados na abertura: *Macário*, *Noite da Taverna* e *O livro de Fra. Gondicario*, dando continuidade à divulgação das obras literárias, já iniciada no primeiro tomo. Em seguida pequenos textos de *Estudos Literários* com nomes da literatura estrangeira, que sempre estiveram relacionados à figura de Álvares de Azevedo, como: George Sand, Byron e Musset, seguidos por artigos sobre *Literatura e Civilização em Portugal*. Materiais que dão início as peculiaridades deste tomo, que vai apresentar também alguns textos críticos, que procuram contextualizar o meio literário vivido por Álvares. E por fim, a sessão *Discursos* incluindo quatro discursos proferidos pelo poeta durante sua vida acadêmica e, junto a eles, as cartas e uma *Bibliographia Alvaresiana*, contendo uma relação das obras manuscritas e impressas do jovem autor, escritos que cumprem a função de um caráter mais documental, retomando esse viés de interesse sobre a vida do poeta, e a configuração da sua imagem para além do aspecto literário

Destaca-se aqui esse esforço de Homero Pires em documentar nesta edição tudo o que fosse possível. A sua *Bibliographia Alvaresiana* merece ainda mais atenção, pois além de um completo inventário das publicações do poeta, também é um panorama final em que certamente destaca o lugar dessa sua própria edição no *hall* de outros empreendimentos editoriais.

A obra publicada pela Cia. Editora Nacional foi a oitava edição das obras completas de Álvares de Azevedo. Sua primeira edição foi feita pela Typographia Universal de Laemmert. Publicada no ano de 1855, de acordo com Homero Pires, ela "segue-se com uma gravura em

madeira, que representa uma lyra circundada por dois ramos, atados na parte inferior por uma fita; na superior uma lente recebe os raios do sol, e com elles ilumina toda a lyra." ¹⁰¹

Mais tarde recebeu uma segunda edição pela Editora Garnier em 1862, após o pai de Álvares ter vendido o direito de propriedade da obra aos seus editores. Desta edição, foram feitas várias reimpressões no mesmo ano, nas quais foram acrescentadas poucas modificações. Em 1873, temos a terceira edição ainda pela Garnier, que mantém seus direitos até a sétima edição (em 1900). ¹⁰²

Quanto às cartas, nosso principal interesse nesta pesquisa, só aparecem nesta oitava edição, transcritas a partir da transcrição de Vieira Souto, publicadas no boletim da Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, *Dois Românticos Brasileiros*. No entanto, o intelectual acrescenta ao volume sua própria marca: insere nas 58 cartas publicadas, notas de rodapé, nas quais apresenta uma cuidadosa pesquisa que além de comentários relativos à grafia e à gramática do poeta, conta com um histórico de personagens citados pelo autor e seus lugares nas configurações sociais da época e mais dez correspondências a que parece ter acesso, somando em sua publicação 68 cartas transcritas.

Já nas primeiras cartas, acrescentam-se dados da vida do autor e de seus familiares. Na carta nº II, escrita em inglês, Álvares escreveu: “(...) love to my Papa, my Uncle, my Sister, my Brother, Mistress Maria da Glória, Mr. Flores, my Grand Mother, Mr. Firmino, Mr. God Father, etc.” ¹⁰³ Pires dedica duas notas para esclarecer que “As irmãs do poeta nascidas até esse tempo era Maria Luisa e Marianna.”, e que

O irmão Joaquim Ignacio Álvares de Azevedo, nascido a 3 de Maio de 1836. Bacharelou-se em Pernambuco. Publicou um livro intitulado – *Poesias* [grifos do autor] (Rio, 1872). Foi pae do poeta Manuel Antônio Álvares de Azevedo Sobrinho, autor da *Vigília das Armas* (Rio, 1899) e das *Boas Festas* (Ouro Preto, 1894). Joaquim Ignácio falleceu a 30 de Junho de 1873. Houve um irmão mais velho, também chamado Ignacio, nascido em 1833 e morto em 1835.

¹⁰⁴

Tais informações trazem ao leitor não só fatos curiosos sobre a família Azevedo, mas também nos atenta para as configurações dessa família que, mesmo antes da tão marcada morte do jovem poeta, lidou com a morte de outros filhos e irmãos. Fica claro nesta nota a

¹⁰¹ PIRES, Homero. Op. cit. p 537.

¹⁰² Idem, p. 538.

¹⁰³ Idem. p. 436.

¹⁰⁴ Idem, *ibidem*.

aspiração literária que rondava a linhagem, fato que não passou despercebido pelo editor e que também reafirma uma espécie de genealogia literária de Álvares.

Homero Pires nos esclarece, também em nota logo nas primeiras páginas das primeiras cartas, que elas foram escritas sob a pena de uma criança de apenas nove anos. Esse fator, todavia, não atenuou os diversos apontamentos do organizador à grafia do poeta, nas poucas cartas em que o menino se arriscou a escrever em outras línguas.

Nas cartas IV e V, por exemplo, em que o pequeno Álvares de Azevedo informa a mãe sobre acontecimentos passados no colégio Stoll, Pires aponta alguns erros gramaticais cometidos pela criança: “Em vez de *is gone*, deveria escrever – *went*.”; “Em lugar de *were*, deveria ser – *are*.”; “*Said to tell*, - e não como está ¹⁰⁵.”. ¹⁰⁶ Sobre a carta V diz “*My love* e não *loves*, como aliás o autor escreveu na carta nº I.” e “Deveria ser *stay* (ficar) e não *stop* (parar).”. ¹⁰⁷

Atenta-se também junto a essa nota um comentário a respeito da transcrição feita por Vieira Souto. “*Beeches* deve ser má leitura do original. Leia-se *leeches*, isto é, sanguessugas que se applicaram ao ouvido doente, e que melhorou.” ¹⁰⁸. Esta não é única nota em que Pires ressalta possíveis erros de transcrição cometidos por Vieira Souto.

Em carta de nº XXVII, de 26 de maio de 1848, o poeta escreve longo texto à mãe sobre um autorretrato que havia tirado e sobre os muitos eventos da província paulista e comenta: “D. Brigida manda-lhe lembrar o collete e pedir-lhe que quando mandar o collete lhe mande também uma linha de flôr d'anil.” ¹⁰⁹. Mas Pires atenta, “No texto do Dr. L. F. Vieira Souto está Brazida. Deve ser Brigida, a que Alvares de Azevedo allude mais adiante nas cartas ns. XXIX, XXXV E XLIII, - nome esse que apparece sempre a respeito de vestidos e costuras.”

¹¹⁰

Verifica-se que, por meio das notas, estabelece-se um diálogo entre os intelectuais que estiveram em contato com essa correspondência. E que se torna questão muito importante, quando as cartas reaparecem em outra edição, a organizada por Vicente de Azevedo mais de

¹⁰⁵ Em carta original a referida frase apresenta-se dessa forma: “Mr. Japiaussú Said for to tell you He could not go to bid you farewell, because he was in such a great hurry.”

¹⁰⁶ PIRES, Homero. p. 437.

¹⁰⁷ Idem, p. 438.

¹⁰⁸ Idem, *ibidem*.

¹⁰⁹ Idem, p. 464.

¹¹⁰ Idem, *ibidem*.

trinta anos depois, momento em que ainda se identifica uma relação entres esses leitores e comentadores das cartas de Álvares de Azevedo por meio dessas anotações.

Ao longo das notas também percebemos a recorrência de informações a respeito de ilustres personagens históricos. Em dezembro de 1843, Álvares de Azevedo escreve: “Estou agora em casa do Sr. Japiaussú, aqui encontrei a Sra. Marqueza de Palma (...)” ¹¹¹. Em sua nota, Homero Pires comenta “D. Joanna Bernardina dos Reis, mulher de D. José de Assis Mascarenhas, Conde e Marquês de S. João da Palma, que foi Governador da Capitania de Goyaz, Governador de Minas Gerais, São Paulo e da Bahia.” ¹¹²

A anotação marca, por exemplo, essas relações que o poeta e sua família mantinham no cenário político nacional. Ao trazer inúmeras destas informações, Pires demonstra não só a afeição pelo caráter literário do poeta, como também a busca em demonstrar sua capacidade investigativa, trazendo informações outras retiradas de obras referentes à História da Academia de São Paulo e à consulta a alguns periódicos, demonstrando um empenho de pesquisa por parte do organizador.

Demonstra também uma valorização das relações estabelecidas pelo poeta, com as figuras de poder da época. Os nomes de barões, condes, marqueses e a referencia a magistrados, políticos, nobres, advogados, juizes etc. que compunham a estrutura fundamental do império e as relações de corte e seus hábitos, denunciavam as redes de sociabilidades e contatos estabelecidos pelo jovem escritor, e o seu meio social.

Há ainda que se destacar as notas acerca de comentários que relacionam as obras do poeta ao conteúdo apresentado na carta. Homero Pires tenta, por meio de alguns fatos narrados, associar a ficcionalidade da obra à vida do jovem poeta. Como na carta XXXIII, em que Álvares descreveu o passeio que fez a Santos com alguns companheiros. A descrição, que é repleta de detalhes, ganha a interpretação do intelectual

Da descrição desse passeio ficaram reflexos em Macario, primeiro episódio, num caminho, Satã montado num burro preto, Macario na garupa: 'Daqui a cinco minutos podemos estar á vista da cidade. Has-de vel-a desenhando no céu suas torres escuras e seus casebres tão pretos de noite como de dia, iluminada, mas sombria como uma eça de enterro...' ¹¹³

¹¹¹ Idem, p. 443.

¹¹² Idem, *ibidem*.

¹¹³ Idem, p. 477.

Ou quando oferece informação sobre em que obras surgiram alguns dos poemas registrados em carta, como em carta nº XXXIV, ao seu amigo Luis Antonio da Silva Nunes, em 23 de agosto de 1848, em que Álvares comentou sua obra *Conde Lopo* e de sua extensão, dificultando o envio por carta, mas como consolo mandou um poema ao amigo. Homero Pires ressaltou a importância de Luís Antônio da Silva Nunes para a publicação desta obra de Álvares.

Este mesmo amigo, o Dr. Luis Antonio da Silva Nunes, seria, conforme salientamos (nota á carta n. XXV), trinta e oito annos mais tarde, o editor do *Conde Lopo*. Mas desse volume não consta o *Fragmento de um canto* EM CORDAS DE BRONZE, que se reproduz na carta acima. A publicação, pois do poema, não foi integral.¹¹⁴

E por fim, tece comentários acerca das leituras e das ligações do poeta com as novidades editoriais externas. Ao citar em carta "Espero ansioso as Girondinos, que Vmcê, em confirmação a uma antiga promessa, bem me poderia ter mandado de presente (...)." ¹¹⁵, Homero Pires salienta a condição do poeta de sujeito atento às produções externas "E' a *Histoire des Girondins*, de Lamartine, que apenas dois annos antes, em 1847, fôra pela primeira vez publicada, em oitro volumes *in* oitavo." ¹¹⁶ e sobre seu pedido de um exemplar de *Démocratie en France* de Guizot, em que Pires comenta: "*De la Démocratie en France*, de Guizot, e o *Raphael*, de Lamartine, se publicavam em Paris nesse mesmo anno da carta: 1849. Vê-se que Alvares de Azevedo estava attento para o que se produzia na Europa." ¹¹⁷

Dessa forma, compreendemos que a edição de Homero Pires trata-se de uma produção intelectual preocupada com as questões culturais em torno do tema nacional. Questões essas que antes já circundavam a promoção do poeta e de sua posição na literatura brasileira que ainda dava seus primeiros passos mais consistentes.

A edição publicada pela Cia. Editora Nacional, sob a supervisão de Afrânio Peixoto, também referendou esse caráter histórico-literário que recebeu a publicação. Permeada de documentos e referências a manuscritos, ela se pretendeu mais do que completa: almejou reunir discussões e reflexões em torno de uma figura que se estabelecia definitivamente como

¹¹⁴ Idem, p. 483.

¹¹⁵ Idem, p. 492.

¹¹⁶ Idem *ibidem*.

¹¹⁷ Idem, p. 495.

um autor essencial para nossa literatura. Abusou-se das informações que aproximassem tanto a produção literária do poeta, como sua trajetória histórica e de sua revelação como sujeito, ao lançar mão não só de seus textos literários, bem como de sua produção pessoal.

CAPÍTULO 3 - O epistológrafo personagem

"Álvares de Azevedo foi o meu primeiro amor literário. Não como poeta, não por sua obra, reconhecendo-a, embora genial. Mas por sua personalidade, por sua vida, breve, fascinante, enigmática. "

Vicente de Azevedo

3.1 Vicente de Azevedo e as cartas

Após 67 anos de sua inauguração, a jovem Academia Paulista de Letras precisava consagrar seus patronos e divulgar conteúdos que exaltassem os intelectuais e a história dos ilustres personagens da capital paulista. Por isso

Impunha-se a criação de uma Biblioteca da *Academia Paulista de Letras*, a fim de serem colocadas ao alcance dos estudiosos obras esgotadas e de interesse para a cultura em nossa terra, especialmente obras de paulistas ou sobre São Paulo, bem como as dos patronos, fundador es e ocupantes que ilustram as cadeiras de Academia Paulista.¹¹⁸

Profere essas palavras o então presidente da Academia Paulista de Letras, J. P. Leite Cardoso, em texto de abertura para o primeiro volume do caderno da Biblioteca da Academia Paulista de Letras, que recebe o título de “Cartas de Álvares de Azevedo”. Seu organizador não leva nome na capa, afinal a ele são creditados “Comentários de Vicente de Azevedo”. Mas ao adentrarmos a edição, saberemos logo de início que, muito além de comentador, Vicente de Azevedo teve papel primordial no acesso a essa correspondência e em sua divulgação.

O intelectual, entretanto, figura pouco conhecida, foi célebre advogado formado pela Faculdade do Largo São Francisco e viveu entre os anos de 1895 e 1979. Ocupou grandes cargos ao longo de sua vida, como Procurador Geral de Estado e Chefe do Ministério Público

¹¹⁸ AZEVEDO, Vicente de. Op. cit. p. 5.

em 1934, e possuiu uma trajetória acadêmica respeitável. Ilustre conhecedor dos poetas brasileiros, alimentou amplo interesse pelas letras nacionais, apresentando extensa produção sobre seus interesses. Teve como primeira publicação o livro *Álvares de Azevedo. Dados para sua biografia*, em 1931; *A vida amorosa dos poetas românticos*, de 1971; *O poeta da liberdade: Castro Alves em São Paulo*, e a obra que lhe rendeu um prêmio Jabuti em 1970, *A vida atormentada de Fagundes Varela*, publicado em 1966. Foi membro da 27ª cadeira da Academia Paulista, tendo tomado posse em 7 de junho de 1968. Com tão digno currículo, foi eleito entre outros patronos à organização da principal edição de divulgação das cartas de Álvares de Azevedo.

Contudo, o próprio editor parece querer esclarecer e justificar sua escolha por Álvares de Azevedo, e para tal escreve um prefácio em que destaca sua curiosidade pelo jovem poeta e a busca de tais correspondências.

O jovem estudante, recém-chegado à Faculdade do Largo São Francisco, revela que ao adentrar as estruturas do imponente edifício, do ainda velho convento de São Francisco, depara-se com o legado de três poetas acadêmicos: Álvares de Azevedo, Fagundes Varela e Castro Alves. O interesse por como viviam, e como foram envoltos pela aura acadêmica e romântica, aguçaram sua curiosidade e escreve:

O primeiro ano, os primeiros tempos, a convivência tão grata com os novos amigos. Adaptação. A curiosidade e a inclinação pelos estudos de História levaram-me a indagar da vida dos poetas: como se comportaram Álvares de Azevedo, Fagundes Varela, Castro Alves? Em face da vida, em face do amor? Resposta: eram ignoradas as três biografias; por escrever, por estudar estavam as três vidas. Abotoou então, e entreabriu a latente vocação literária.¹¹⁹

Sua vocação fez com que fosse criador, junto com seus colegas de curso, do Grêmio Literário Álvares de Azevedo, se dedicavam a divulgar e trabalhar textos destes três poetas românticos. Além de tais empreendimentos, Vicente de Azevedo se engajou em uma pesquisa sobre o poeta, sobretudo pelo nome, mas alegava ter certeza de que entre ele e o poeta não haveria nenhum parentesco.

Sua primeira descoberta foi uma documentação inédita da passagem do poeta pela Faculdade. Logo segue ao Rio de Janeiro em busca de documentos que relatassem a passagem

¹¹⁹ Idem, p. 7.

de Álvares pelo Colégio Pedro II. Encontrou esparsa documentação entregue pelas mãos de Escagnolle Dória, professor, arquivista, compositor, libretista, publicista, tradutor e escritor, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; e Afonso Taunay, historiador e romancista. De tais intelectuais teve a primeira notícia a respeito de um volume de cartas do poeta trocadas entre ele e seus pais. Dória tivera em sua posse o volume que teria pertencido à dona Maria Francisca Álvares de Azevedo Amaral, uma das irmãs do autor.

A informação açulou o interesse do jovem estudante que, por meio dessas cartas, saciaria sua curiosidade sobre a vida do jovem escritor. Todavia, o mestre Dória já lhe alertava: “olhe que essas pessoas de idade são às vezes difíceis... Eu mesmo tive contrariedades por via dessas cartas, que durante horas estiveram em meu poder.”¹²⁰.

Ainda assim, Vicente de Azevedo fora em busca de tais documentos e relata que em sua visita fora muito bem recebido.

D. Maria Francisca acolheu-me - jovem estudante - com encantadora cordialidade. Em tenros anos seus falecera o poeta. Mas ‘todos os dias em sua casa se falava no querido Maneco.’. Mostrou-me o álbum da irmã Maria Luísa, em família Nhanhã. Permitiu que copiasse poesias manuscritas ali pelo poeta. Fez-me presente da reprodução fotográfica do retrato do poeta na adolescência.¹²¹

"Quando, com timidez, arrisquei-me a falar nas cartas, os céus toldaram e o tempo fechou: ‘Cartas? - Que Cartas? - Não existem! - Nunca existiram!’.”¹²²

Com a potencialidade de tais documentos, Vicente de Azevedo reuniu algumas informações sobre o encadernamento e seus possíveis rastros. Sabia-se que após a morte do filho tão querido, dona Maria Luíza Mota de Azevedo mandou reunir em volume encadernado as cartas que recebera do filho, como forma de recordação. Maria Francisca, por sua vez, herdou o volume da mãe, e mais tarde entregou-o como doação à sua sobrinha e afilhada Carlota de Andrade Vieira Souto, por volta dos anos de 1911. Dessa maneira, Vicente concluiu que, obviamente, no ano de sua visita, 1917, as cartas já não se achavam mais em seu poder, mas era certo de que elas existiam.

Em 1939, Luís Felipe Vieira Souto recebe o encadernamento da prima Carlota Vieira. O doutor, por sua vez, fez cópia das cartas para a comemoração do centenário de nascimento do

¹²⁰ Idem, p. 9.

¹²¹ Idem, *ibidem*.

¹²² Idem, *ibidem*.

poeta em conferência realizada para o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Entretanto, nesse meio tempo o doutor Vieira Souto passa por problemas financeiros atribuídos ao que Vicente de Azevedo definiu como “moléstias de pessoas da família” ¹²³. O fato obrigou o doutor a se desfazer desse e outros manuscritos, lembranças e outros objetos pessoais do poeta.

Vicente de Azevedo fora contatado por Vieira Souto a fim de saber se o próprio estaria interessado em tais cartas. Em carta datada de 21 de setembro de 1942, escreve

Meu caro Vicente,

Desejo encontrá-lo e aos que lhes são caros bem de saúde e com paz de espírito.

Eu aqui vou [estando] com uma crise assoberbante, que tem me obrigado a providências enérgicas, decorrente das minhas operações seguidas das de minha mulher tão repentina e grave.

Como você sabe possuo do [?] alguns autógrafos preciosos, aos quais muito quero, mas que as circunstâncias obrigam-me a desfazer-me deles. O Afrânio interessa-se muito por eles para a Academia, mas está de lá afastado por divergências há mais de anos donde sem prestígio para fazer (sic)⁷ valer sua vontade. Depois de examinal-os, avaliam-os em vinte contos aconselhar-me a pedil-os, interessando-se junto ao presidente, ao qual eu pedi quinze. Este achou demasiado, ‘não em vista da s [prioridades], mas das más condições financeiras da época atual da sociedade muito cheia de compromissos com [premios] e publicações. ¹²⁴

Ficou de fazer-me contra-proposta, mas até agora [?] e eu desejaria resolver o caso com urgência, pois pode resolver varios compromissos sérios. Lembrei-me de escrever a você, a [vêr] se interessariam a algum ou alguma sociedade em São Paulo, por serem peças raras, autênticas e pelas quaes não quero [?], pois você bem as conhece. Por dex [?] *contos de réis* (grifo do autor) eu me desfazerei dellas, com pena, é verdade, mas, antes conforto dos meus e paz de espírito do que o [martyrio] em que tenho vivido ultimamente. Peço uma resposta [completa sobre] pos sibilidades ou não, de fazer este negocio, o mais breve possível. Se viavel, poderei tendo certeza de [?], à um ou dous dias até ali, para deixar as cartas e livros.

Junto, envio uma lista completa do que pretendo me desfazer, para que você possa ter uma ideia precisa. (...) ¹²⁵

Segue-se uma lista enorme de objetos que pertenceram ao poeta e que estavam sob os cuidados do médico. Mas a situação de Luís Felipe era delicada, se desfaria de todo seu tesouro literário referente ao jovem escritor. Oferecera-os a diversos intelectuais e homens influentes, no entanto, não conseguiu nenhum comprador. Em seu relato introdutório, Vieira

¹²³ Idem, p. 9-10.

¹²⁴ Foi mantida a grafia apresentada em carta manuscrita nesse e outras palavras.

¹²⁵ Carta inédita encontrada no acervo do Museu de literatura brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. Transcrição livre.

Souto alega que foi intermediário de uma proposta à Biblioteca Municipal de São Paulo, que também recusou a oferta.

Em resumo, as cartas sofreram uma série de desventuras, para além de suas andanças de mãos em mãos elas foram “(...) emprestadas a curiosos que, revelando desonestidade, incompreensão (o termo seria inconsciência) cortaram e arrancaram *lembranças* [grifo do autor] (?), folhas e cartas.”¹²⁶. Conta o próprio Vieira Souto que desapareceram da coleção 19 cartas ao todo, tendo conseguido reaver três, e duas é sabido que estão nas mãos de Escragnolle Dória e Alfredo Pujol, ambas já publicadas em outras edições com conteúdos referentes ao poeta.

O sumiço das outras cartas, como desconfia Vicente de Azevedo, se deu ou por extravio de diversas naturezas ou roubo, tendo em vista que naquele período os selos eram pouco comuns, os chamados *olhos de boi* pelos colecionadores, e se tornou assim um item raro algumas décadas depois.

Foram identificados também o sumiço de algumas cartas dirigidas à Silva Nunes, amigo de Álvares de Azevedo, para as quais o advogado não conseguiu encontrar motivo aparente para tal.

Por fim, a trama epistolar se desenrola quando em 1967 o filho de Vieira Souto, Sérgio Luís consegue reaver a coleção e dele é adquirida por Vicente de Azevedo em julho do mesmo ano da publicação do volume I do caderno da Biblioteca da Academia, que contaria com “(...) a mais rigorosa fidelidade que nos foi possível, vamos reproduzir.”¹²⁷

3.2 A edição das cartas

Ainda em seu texto de abertura, o advogado Vicente de Azevedo enumera as edições anteriores que levaram às publicações significativas da correspondência. Destaque-se como informação importante a dita fidelidade com que as cartas foram publicadas. Os problemas e percalços da transcrição resultaram em uma primeira leitura duvidosa dessa correspondência, como apresenta o intelectual da Academia, em fala do próprio Vieira Souto.

¹²⁶ AZEVEDO, Vicente. Op. cit. p. 10.

¹²⁷ Idem, p.11.

Infelizmente a edição (das cartas) feita às carreiras, tendo sido composta à vista de cópia não revista, saiu inçada de erros lamentáveis, falhas de vários períodos, frases truncadas, palavras trocadas mudando o sentido, e, o que é pior, fazendo sentido muitas vezes, além de erros tipográficos pingues. É fácil explicar os motivos - naquele tempo não eram ainda propriedade minha os originais, e, com prazo certo para copiá-los, fi-lo à mão, com a minha quase ilegível letra de médico, escrevendo a lápis, sem rever o trabalho ... Posso fazê-lo com perfeição, por serem hoje, as cartas publicadas, propriedade minha, tendo sido novamente copiadas, respeitada a ortografia, banidos por completo os inúmeros enganos de cópia e de impressão.¹²⁸

O médico teria prometido, assim, uma versão definitiva, ilustrada com documentos, acrescida de notas e outros textos inéditos. Entretanto, os rumos de sua vida não permitiram que ele cumprisse a promessa e coube a Vicente de Azevedo a árdua tarefa, já iniciada por Homero Pires, como visto no capítulo anterior.

Ao publicar enfim a correspondência, fez nova transcrição, mas alertando que “a simples cópia não é fácil, devido à má letra do missivista, aos pós-escritos, ao aproveitamento das margens para adendos.”¹²⁹

Em sua organização, as cartas foram dispostas em ordem cronológica, separadas em períodos distintos. O primeiro período data de 1840 a 1845, “Do Rio de Janeiro, aos pais que moravam em Niterói”, época em que o poeta frequentou o Colégio Stoll e cumpriu seus primeiros anos de formação no Rio de Janeiro. A segunda parte se remete aos meses em que permaneceu em São Paulo, entre 1844 e 1845, morando na casa de um tio, preparando-se para frequentar a Faculdade de Direito; e por último o terceiro período, de março de 1848 a novembro de 1851 em que frequentou a escola de Direito, ainda oficialmente nomeada de Academia.

A cronologia determinada por Vicente de Azevedo não fora um projeto editorial, afinal, em contato com o encadernamento original, pudemos perceber que a própria disposição das cartas segue linha cronológica. Coube ao editor somente delimitar os períodos e acrescentar breve explicação ao leitor.

Ao contrário do que pudemos perceber nas obras anteriores, Vicente de Azevedo parece deixar clara sua intenção e o projeto por detrás da divulgação dessa correspondência. Se antes víamos um ideal voltado para a configuração de um discurso nacional, a partir da edição de

¹²⁸ Idem, p. 12.

¹²⁹ Idem, p. 12-13.

Azevedo acompanhamos um anseio acima dos interesses políticos, culturais e sociais aos quais designavam as obras e textos vinculados ao poeta.

Com sua edição, Azevedo tem como objetivo fins literários e até mesmo históricos. Atribui a sua empreitada a divulgação não só de um objeto, mas um documento histórico. Nota-se esse interesse quando fez questão de destacar a grande contribuição a que poderia servir a documentação: “Esta edição ajuda a compreensão de Álvares de Azevedo. Na poética, fingindo o que não era – e tanta gente deu crédito! Nas cartas – simples sincero. Predomina a tônica da ingenuidade, quase infantilidade. Pena Mario de Andrade não as tenha conhecido!”

130

Ao citar Mário de Andrade, ilustre intelectual modernista, atribui às cartas justamente essa importância documental, que estaria a serviço de uma leitura profunda que atenderia tanto aos interesses literários, quanto culturais, como já vinha sendo demonstrado pelos seus antecessores ao divulgarem as cartas.

Vicente de Azevedo, no entanto, parece não ter tido contato com “Amor e Medo”, texto de Mário de Andrade sobre poetas românticos e como esses temas aparecem em suas poesias. Mário, em seu texto ao falar sobre a relação de Álvares com as figuras femininas, lança mão dos exemplos dados nas cartas do poeta. Ele cita a carta de 1848, em que se corresponde com seu amigo Luís Antônio da Silva Nunes, afirmando que seu respeito à mulher não estava presente somente em suas obras, mas sua correspondência, que é, sobretudo, endereçada à mãe. Mário de Andrade, como um bom bibliófilo, tem em sua estante as *Obras Completas* organizadas por Homero Pires.

Dessa forma, buscando rever algumas leituras acerca da personalidade de Álvares, as cartas, para Vicente de Azevedo, serviriam também como uma forma de desmistificar certos pontos de vistas a respeito das leituras feitas sobre o jovem escritor. Mas por outro lado cria sobre ele uma aura de pureza, destacando sua ingenuidade e essa quase infantilidade.

O prestígio da poesia romântica é tamanho que muita gente acreditou na sua falsa imagem de boêmio, aceitou como reais suas bebedeiras, suas orgias. Não passaram de orgias da imaginação, fantasias, delírios literários. Somente nas poesias ele fumava como um turco. Somente nas poesias bebia como um marinheiro. Nas cartas foi sincero, autêntico, verdadeiro. Se algo de mórbido há

¹³⁰ Idem, p. 13.

em sua personalidade é a preocupação de parecer o que não era. Estranha forma de vaidade! Ou fuga da realidade? ¹³¹

O advogado reitera sua posição, de desmistificar a figura do poeta e de demonstrar, por meio da publicação desses registros, a visão que se pregou desde os finais do século XIX. Porém, passa ele mesmo a criar nova feição à compreensão que se tem do poeta.

O editor, como dito, pouco tem a assinar em uma edição que reúne obras de outro intelectual. Coube a ele inserir pequena introdução, como fez Vicente de Azevedo, e a arbitrar sobre a disposição das informações propostas, bem como possíveis notas, quase invisíveis ou que não cruzem a leitura do documento protagonista. Todavia, percebemos que ao longo das décadas o papel do editor e organizador adquiriu no mercado editorial grande importância e que, mesmo que não tenha ação visível, a associação do seu nome e publicação já é algo que se torna um tanto significativo.

O editor então menciona ter reunido no caderno “a reprodução das notas de Homero Pires [que] representa homenagem a este ilustre escritor com o qual me correspondi durante a organização da 8ª edição das Obras Completas. As notas de sua autoria levam as iniciais H. P. As de minha autoria: V. de A.” ¹³²

Ao reunir as informações de Homero Pires e de sua própria pesquisa, Vicente de Azevedo preenche sua edição com dados e contextos que circundam a produção das cartas. Para além disso, cumpre seu dever de preencher as lacunas deixadas pelas transcrições, problemas de tradução apresentados nas cartas escritas em outros idiomas e descrever aspectos curiosos que estavam postos nos originais. Ocupando páginas e páginas, o advogado parece então empreender clara defesa a veracidade dos fatos descritos pelo poeta.

3.3 O diálogo em notas

Ao se propor a compartilhar da pesquisa de Homero Pires, Vicente de Azevedo aparenta ceder espaço ao protagonismo do poeta e de pesquisadores consagrados que o antecederam. No entanto, não foi exatamente o que ocorreu: Vicente de Azevedo em nota se faz presente e

¹³¹ Idem, *ibidem*.

¹³² Idem, *ibidem*.

pretende ao longo da edição demonstrar que tem propriedade intelectual sobre o material e que, mesmo que a edição não leve seu nome em capa, sua impressão só foi possível pelos seus esforços de pesquisa. E assim, como outros intelectuais, também deveria estar incluído no debate posto em torno do poeta.

Neste caso percebemos uma intenção por parte do editor. Como coloca a pesquisadora Colette Becker¹³³,

Uma outra motivação para a escolha das notas que redigirá é a ideia que o pesquisador tem sobre os textos a serem editados e, por conseguinte, sobre o modo como *deveriam* [grifo do autor] ser lidos, como *deveriam* [grifo do autor] inserir-se no conjunto dos textos da época e, mais precisamente sobre a obra do autor que se está editando. Sua interpretação dessa obra é sempre determinante. Interferem aí seus interesses de pesquisa, seus outros trabalhos, sua formação, elementos que o levam a ler em certas perspectivas, por conseguinte, desenvolver tal ou tal tipo de notas.¹³⁴

Em Homero Pires temos notas descritivas, em que se lê pouca notação sobre a dimensão material da correspondência e mais sobre correções de erros de impressão ou sobre a própria leitura. E notas explicativas com um caráter mais informativo, em que se viam informações a respeito das pequenas biografias, ligações familiares, esclarecimentos sobre eventos e fatos ocorridos, questões de transcrição e tradução.

Já em Vicente de Azevedo vemos um sufocamento do texto que é seguida por páginas e páginas de notas, que são resultados das notações do editor anterior, comentários sobre essas notas e as suas próprias. Deixando evidente sua ânsia por integrar sua interpretação, como escreve Becker, sobre a correspondência e sobre a figura do autor como um todo.

Vemos então, um intenso diálogo por parte de Vicente de Azevedo com as notas postas por Homero Pires. Como dito, Homero Pires foi responsável pela primeira divulgação completa dessas cartas, a partir da transcrição feita por Vieira Souto. Em sua *Obras Completas*, além de disponibilizar conjuntamente com a obra do poeta sua correspondência, apresenta extensa pesquisa sobre os fatos, nomes e lugares citados pelo autor, apresentando bibliografia de referência, em torno da História de São Paulo, do Rio de Janeiro e as relações sociais travadas naquele período vivido pelo poeta.

¹³³ BECKER, Colette. *O discurso de Escolta: as notas e seus problemas (o exemplo da correspondência de Zola)*. **Patrimônio e Memória**. São Paulo, Unesp, v.9, n 1, p. 144-156, janeiro-junho, 2013. Trad. Ligia Fonseca Ferreira.

¹³⁴ Idem, p. 147.

Apoiado na pesquisa de Homero Pires, Vicente de Azevedo tece sua edição e seus comentários buscando fazer das notas objeto também de avaliação, propondo uma revisitação ao que fora feito até aquele momento. Como podemos notar logo na segunda carta apresentada na edição, na qual, intercalando comentários seus aos de Homero Pires, encerra as notas com um alerta:

Equívoco manifesto de Homero Pires: se em 1840 freqüentava o Colégio Stoll, não podia ser Dr., nem publicar livro de ciência em 1844. Trata-se de um filho do Dr. José Francisco Xavier Sigaud (1796-1856). Este ilustre médico francês nascido em Marselha deixou várias obras, entre as quais se destaca a citada, que se divide em quatro partes.¹³⁵

Vicente de Azevedo se referia a um nome citado em carta, o Mr. Sigaud, apresentado por Álvares como um dos monitores do Colégio. Em nota, Homero Pires atribui o sobrenome ao Dr. J. F. X. Sigaud, que em 1844 teria publicado o livro “Du climat et des maladies du Brèsil”. Vicente questiona visto que na carta Álvares parece apresentar Mr. Sigaud como um de seus colegas que se tornara monitor como ele, levando a crer que teriam a mesma idade, sendo assim impossível que tão jovem figura tivesse publicado um livro tão importante para a ciência alguns poucos anos depois.

Neste caso, ao que parece, houve um erro de interpretação de leitura. A carta por estar escrita em inglês e Homero Pires ter destacado alguns erros do poeta ainda criança, quanto ao domínio da outra língua, pode-se levantar uma hipótese de interpretação diversa entre os intelectuais. Em que Pires, se perde entre as vírgulas e citações de tantos personagens, dando outro significado a posição ocupada pela figura de Sigaud, no período descrito: “I am the monitor for to make the boys speak frenche, Mr. Sigaud of the water, Mr. Gabiso the monitor of the bell, the pens na the ink, Mrs. Queixeramoby, Furtado and Antonio Januario are the general monitors.”¹³⁶

Outro exemplo se encontra nas notas para a carta de 30 de agosto de 1844, em que Álvares relata à mãe sobre sua ida a um baile dado pelo Sr. Souza Queiroz. Era comum em cartas o poeta descrever o ocorrido e como se portavam as pessoas nos bailes da sociedade

¹³⁵ Idem, p. 20.

¹³⁶ Idem, *ibidem*.

paulistana. Em uma de suas descrições, por exemplo, cita a figura da Viscondessa de Montalegre. Homero Pires em nota explica a origem da personagem

D. Maria Isabel de Sousa Alvim, segunda mulher de José da Costa Carvalho (visconde, 1843) e depois marquês (1854) de Monte Alegre, um dos três membros da Regência, eleita a 17 de julho de 1831. Costa Carvalho foi também um dos membros da Constituinte de 1823, representando a Bahia, sua terra natal.¹³⁷

Que recebe ressalva de Vicente de Azevedo, que diz:

Quer nos parece que há equívoco de Homero Pires: Costa Carvalho casou-se em S. Paulo com D. Genebra de Barros Leite, viúva do brigadeiro Luís Antonio de Sousa Queiroz: Wanderley Pinho, *Salões e Damas do Segunda Reinado*, retrato de D. Genebra, à pág. 72. O Cons. Barbosa de oliveira, casado com filha de D. Genebra, refere-se nas *Memórias do Império* a este casamento. Com certo azedume registra que Costa Carvalho veio da Bahia paupérrimo (sic) como juiz-de-fora, e ficou riquíssimo pelo casamento ... - V. de A.¹³⁸

O editor ainda faz questão de destacar as obras às quais recorreu para demonstrar o vigor de seu empreendimento de pesquisa. O embate deixa claro o quanto o advogado se empenhou em superar o médico.

Vicente de Azevedo dedica-se ainda a complementar informações nas notas, como aparece em carta de dezoito de novembro de 1843, em que a primeira nota de Homero diz “D. Joana Bernardina dos Reis, esposa de D. José de Assis Mascarenhas, barão, conde e marquês de S. João da Palma que foi governador da Capitania de Goiás, de Minas Gerais, S. Paulo e Bahia.”¹³⁹. A nota, já citada anteriormente, esclarecia nome citado por Álvares, Snra. Marquiza de Palma. Vicente, e complementa

A essa altura já devia ser viúva. D. José de Assis Mascarenhas foi um dos personagens mais titulados do Império, barão ao tempo de D. João VI. Segundo Rodolfo Garcia (Anuário do Museu Imperial, Petrópolis, 1946, págs. 9 e 10) D. José, seu filho legitimado, foi um dos rapazes escolhidos para companheiro de D. Pedro II, menino. Por pouco tempo, porque lhe aprazia contrariar o futuro imperador.

Observa-se que desde cedo se revela o aristocracismo de Álvares de Azevedo. A atração, a simpatia pelos titulares.¹⁴⁰

¹³⁷ Idem, p. 36.

¹³⁸ Idem, *ibidem*.

¹³⁹ Idem, p. 31.

¹⁴⁰ Idem.

Podemos perceber que a informação não revela nenhum fato novo, Vicente de Azevedo apenas complementa a nota com mais algumas informações de pesquisa. Pretende demonstrar que, assim como Pires, se dedicou à pesquisa e à verificação do que tinha sido afirmado por ele. Por isso, fez questão de citar as fontes de sua pesquisa, como fazia o organizador anterior, a fim de evidenciar sua igual posição frente ao outro editor. Afinal, ambos eram estudiosos, acadêmicos e trabalharam com afinco para preencher as brechas postas pela correspondência.

Nota-se o empenho de Homero Pires em demonstrar essa rede aristocrática que envolvia as famílias tanto do Rio de Janeiro como de São Paulo, bem como outras regiões do país; e a qual Álvares não procurava se desvencilhar, pelo contrário. O poeta sempre fora claro em suas cartas quanto à sua posição social e aos seus gostos e hábitos relacionados à sua classe. Mas o que Pires deixa de lado e aqui é trazido por Azevedo é, por exemplo, sua relação com seu escravo Jacinto, que aparece citado em duas cartas e um bilhete. Vicente de Azevedo anota:

Jacinto, escravo da casa. O registro da hora em que foram entregues as meias parece indício de que se controlava o comportamento do portador. Esteve em São Paulo, mais tarde, a serviço da família, como se lê noutras cartas. Pelos modos era malandro.¹⁴¹

A omissão nos detalhes quanto à maiores explicações sobre a figura de Jacinto pode nos indicar até que ponto foram as pesquisas de Homero Pires ou até onde era permitido revelar sobre a vida do poeta, para o que se pretendia com sua edição. Vicente já foi mais longe, pois, como dito, além de almejar gravar suas marcas nos comentários, precisava também destacar o valor documental da correspondência, o que também valorizava sua figura pelo empenho em divulgá-las.

As notações do advogado também são repletas de pequenos detalhes quanto à situação dos documentos. Como pode ser visto nas notas da carta de 13 de abril de 1842, em que escreve "Escrita em papel de carta azul celeste, inglês, formato pequeno marca Bath. O envelope não acompanha."¹⁴², ou em carta de 19 de setembro de 1842 em que diz "Carta

¹⁴¹ Idem, p. 25.

¹⁴² Idem, p. 24.

escrita às pressas e por isso defeituosa." ¹⁴³, ou ainda em 22 de outubro no mesmo ano em que ressalta "A assinatura foi cortada a tesoura." ¹⁴⁴

Por último, atentamos para uma série de notas em que Vicente de Azevedo trava um diálogo não só com Homero Pires, mas também com o primeiro divulgador dessa correspondência. Algumas notas contam sobre o trabalho de transcrição, trabalho esse realizado tanto por Vieira Souto quanto por Vicente de Azevedo. Daí o interessante debate.

Em carta de 5 de setembro de 1844, por exemplo, lê-se na nota 4, sobre palavra ausente na continuação da sentença. Vicente de Azevedo escreve

Copiamos com o máximo cuidado a frase toda que é: "... e por casar-se huma afillhada (que todos dizem que é filha) sua com um ..." - ? -

Vieira Souto leu: ... "com um *luxo*". Homero Pires repetiu; nem podia ser outra forma, porque não teve à vista os originais.

"... casar-se *com um luxo*" não dá sentido. ¹⁴⁵

Ou os exemplos das notas 3 e 4 da carta de 11 de junho, sem data, em que Azevedo escreve "Nota de Vieira Souto, repetida por Homero Pires: 'Há aqui no original uma palavra ilegível.' A palavra é bem, legivelmente, *quaes*. - V. de A." e atenta também para expressão usada por Álvares, mas que ele considera completamente equivocada e acusa os editores de terem lido errado: "Vieira Souto copiou sem atenção e saiu essa barbaridade: 'Laus Deo Virginique. *Matei aqui dos fundos*, prometendo(!) Homero Pires – repetiu: pág. 467." ¹⁴⁶, mesmo assim ele também repete a expressão, sem considerar outra possibilidade de leitura.

Dessa mesma maneira, reclama em nota à carta de 13 de Agosto, também sem data, de incoerências com relação à informações

Em Vieira Souto, e portanto em Homero Pires lê-se esta data 27 de setembro de 1849. Entretanto no original que temos presente, a data é outra, e mais adequada ao assunto: 13 de agosto. O poeta se refere ao baile em comemoração ao decreto imperial que criou as Faculdades de Direito, 11 de Agosto de 1827. ¹⁴⁷

¹⁴³ Idem, p. 27.

¹⁴⁴ Idem, p. 29.

¹⁴⁵ Idem, p. 40.

¹⁴⁶ Idem, p. 89.

¹⁴⁷ Idem, p. 127.

Ou em carta de 19 de setembro de 1849, dirigida à mãe, "Vieira Souto leu: *lachymovio*. Homero Pires anotou: Deve ser *lacrimorio*. E falta aqui uma linha inteira. Realmente faltava uma linha. E é *lachrymorio*, urna ou receptáculo onde as carpideiras recolhiam suas lágrimas." ¹⁴⁸

Ressalta ainda a falta de atenção do primeiro divulgador ao ter suprimido palavras em sua transcrição, como demonstra em nota à carta de 28 de junho, em que destaca, logo em primeira nota, o comentário de Homero Pires em que diz: "Além do *esteve deserta*, falta alguma coisa, parecendo ser ..." e que ele completa "Realmente: Vieira Souto omitiu palavras da carta, na cópia; ou houve erro de imprensa. Resulta evidente da comparação dos dois textos." ¹⁴⁹

Reclama também da omissão de uma das cartas, que assim acaba sendo inédita em sua edição, como é o caso da carta datada de 29 de outubro de 1849, que Vicente de Azevedo alega não contar nos registros nem de Vieira Souto, e por consequência, nem de Homero Pires. Diz ainda que ela simplesmente não constou na relação de cartas por pura inadvertência do intelectual.

Azevedo, dessa maneira, aparenta, em sua edição, ter feito hercúleo trabalho de pesquisa e revisão: complementação de notas históricas com citação de extensa bibliografia, comentários sobre erros, ausências e questões sobre a transcrição e advertências aos editores anteriores. Entretanto é de se destacar que ele também não apresenta ao seu leitor nenhum tipo de norma que seguiu. Constata-se também a falta de um acordo quanto às transcrições: a que normas e padrões está sujeita essa transcrição? segue caligrafia da época ou foi adaptada para a ortografia do seu tempo? Será que Vicente foi tão cuidadoso ao transcrever e esteve acima dos erros cometidos por seus editores anteriores?

Por enquanto, o que podemos compreender desse projeto idealizado por Vicente de Azevedo, é que se pretendia, por meio da correspondência do poeta, traçar novos caminhos de compreensão da sua própria vida. Como um aficionado, Azevedo idealizou essa edição como forma de redenção do poeta e estabeleceu, mais do que os outros editores, uma leitura muito particular dessa correspondência. Imprimiu nesse volume um olhar de um poeta personagem, cuja imagem, a trajetória e vida puderam ser alteradas conforme foram acrescentadas ao enredo novas informações. O que não seriam então essas cartas, escritas de próprio punho pelo

¹⁴⁸ Idem, p. 130.

¹⁴⁹ Idem, p. 113.

"personagem", senão a prova de um tom de realidade dada a essa ficção idealizada pelo seu editor.

CAPÍTULO 4 – As cartas de Álvares de Azevedo

Ao tomarmos uma carta nas mãos sentimos uma aura, uma sacralidade que emana do caráter particular e íntimo que a envolve. A leitura intrusa do objeto provoca a sensação de um olhar pelo buraco da fechadura e faz com que nos deparemos com um cenário repleto de elementos.

Nesse primeiro encontro, capturamos primeiro o superficial, aquilo que se quer ver ou que foi deixado a mostra, depois, somos seduzidos pelas lacunas, pelo que não enxergamos nesse primeiro olhar e, principalmente, pelo que imaginamos para completar e compor o cenário.

A leitura de uma carta nos traz essa sensação de partilha ¹⁵⁰, seu autor produz nesse espaço uma trama que nos parece honesta, sincera e livre de qualquer intenção. Sua sinceridade aparente é que nos imprime esse desejo de adentrar em sua história.

Posta desta maneira, a carta nos parece um espaço teatral, ficcional e literário. É apresentada como um texto multifacetado e multidimensional que abre ao leitor a possibilidade de determinar a que ela pode lhe servir.

Pelo olhar dos antigos era uma forma de prática de escrita, lugar de rascunho do seu próprio pensamento, de diálogo filosófico, lugar da retórica. Para os românticos, um espelho de seus próprios desejos, sentimentos, aspirações; e para os nossos modernos, um lugar de criação, de produção, de trocas, de questionamentos de sua própria arte e pensamentos.

Um objeto em que suas múltiplas dimensões são pautadas pela época, pela materialidade e pela interlocução. Ao mesmo tempo, sua leitura pode ser tomada como um documento que, por meio das funções que tinham essa prática de escrita, revelam justamente a configuração desse tempo, desse objeto e dos sujeitos que dela compartilham e fazem uso.

Mostra-se um texto dotado de tantas possibilidades que deve nos provocar, para além de seu caráter intangível suscitado por essas múltiplas dimensões, um olhar atento e minucioso em relação a seu tratamento. Devemos nos questionar sobre o texto e o que é empregado nele, reconhecendo assim não só o cenário em si, mas também como ele é composto.

¹⁵⁰ LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

Dessa forma, identificamos nesse olhar para a carta um exercício, um esforço de leitores também multifacetados, que observem seu conteúdo de diversos ângulos e maneiras. De maneira que desse pequeno espaço delimitado pelo papel se possa ver além, que se possa corresponder e dar conta de todo seu enredo e o que o envolve.

No entanto, tal objeto foi relegado ao fundo da gaveta, do baú, perdido em arquivos, ou trancados em cofres. Essa intenção memorialística de seleção do que se deve preservar, descartar ou ser divulgado com uma intenção para o futuro, faz com que a correspondência se torne assim um texto de sobrevivência milagrosa ¹⁵¹, que mesmo sujeita a todo tipo de fins, persiste “Está dividida entre o efêmero e o duradouro, a autenticidade e as deformações, a carta sofre o destino precário característico das escritas não impressas.” ¹⁵². Sujeita também à censura e autocensura ¹⁵³ torna-se

O desejo do controle da memória de preservação da imagem pública, e manutenção de segredos constituem, com frequência, obstáculos a serem superados na busca das fontes epistolares e completam com desejos, explícitos ou não de exaltação memorialística por parte dos detentores de acervos. ¹⁵⁴

Essa é uma das características que a torna um gênero tão frágil e instável. Sua preservação, divulgação e armazenamento determinam diretamente a leitura que fazemos deste objeto. Dessa maneira o estudo sobre a carta requer também um olhar plural, ao mesmo tempo em que se atenha às essas diversas faces apresentadas por ela.

O desafio proposto, de lidar com as cartas de Álvares de Azevedo, é então de justamente retomar estas cartas, trazê-las novamente ao espaço intelectual, a fim de compreendermos suas múltiplas dimensões e repensarmos as leituras que até aqui se fizeram delas.

É preciso compreender que essa correspondência, durante muitos anos, passou de mão em mão, sendo subtraídas integral ou parcialmente, sem um lugar para se estabelecer. Desde Vieira Souto, que foi obrigado a vendê-las e foram recuperadas em 1967 por seu filho Sérgio Vieira Souto, de quem Vicente de Azevedo pôde obtê-las e reproduzi-las em sua edição de

¹⁵¹ HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas Epistolares**. Trad. Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016. p. 22.

¹⁵² Idem, p. 23.

¹⁵³ MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: **O historiador e suas fontes**. PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2013.

¹⁵⁴ Idem, p. 202.

1973; nunca mais se ouviu falar das tais cartas. De paradeiro desconhecido, os pesquisadores que quisessem se dedicar aos manuscritos permaneceram no escuro, restritos ao trabalho com as edições, e ao viés particular de seus editores. O rico material, que se apresentava composto de cartas à sua mãe, pai e a seu amigo Luiz Nunes, que datam desde seus primeiros anos de formação no Colégio Stoll, até seus últimos dias de vida, em que passava seu tempo longe da capital paulista permanecia enterrado.

No entanto, o desenvolvimento dessa pesquisa e o contato com importantes pesquisadores tornou possível identificar o pequeno álbum de D. Maria Luísa salvaguardado no Arquivo do Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. Nele mantém-se a maioria das cartas, 55 no total, seguidas dos dois bilhetes e de artigos, datados meses após a morte do poeta, prestando-lhe homenagens.

De aparência frágil, manusear tais cartas torna-se uma tarefa árdua. Tendo enfrentado tantos percalços, ao tomá-las em mãos, observa-se a fragilidade daqueles papéis. Nota-se a caligrafia rebuscada, borrada e quase sem vida; as marginálias que transformam a nossa forma de ler o texto; as partes indecifráveis, os desenhos, as marcas dos selos e a deterioração de algumas partes que as compõem. A dimensão material do papel, timbres, letras etc “(...) mediam as circunstâncias em que essas cartas foram escritas, regulando a troca de informações e ordenando as relações sociais: remetente destinatário.”¹⁵⁵. E ainda como nos mostra Alain Pagès¹⁵⁶ “(...) uma carta comunica sua mensagem não somente pelo texto que propõe, mas também pela multiplicidade dos signos que acompanham o texto: a forma da escrita, a ocupação do espaço da página, o número de folhas, os acréscimos colocados nas margens, a assinatura etc.”¹⁵⁷ Essa importante dimensão material nos escapa ao vermos a correspondência pelos olhos dos editores.

Daí a importância de uma nova divulgação dessa correspondência, não só de sua retirada do baú arquivístico, mas também de sua retomada pelo campo intelectual em toda a sua compreensão. Pois, ao adentrarmos no conteúdo das cartas, podemos observar tanto sobre a escrita íntima do poeta, de um jovem que desde cedo relata na maior parte das vezes à mãe, algumas cenas e acontecimentos do seu cotidiano e compartilha com certa sutileza seus incômodos, pensamentos e mal estares; quanto perceber dentro dessa narrativa repleta de

¹⁵⁵ MALATIAN, Teresa. Op. cit., p. 199.

¹⁵⁶ PAGÈS, Alain. *A materialidade epistolar*. O que nos dizem os manuscritos autógrafos. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 67. P. 106-123. ago. 2017. Trad. Lígia Fonseca Ferreira.

¹⁵⁷ Idem, p.107.

lacunas, disfarces, encenações e flerte com a realidade vivida, um arsenal para a percepção não só da figura do poeta como de sua realidade histórica.

O que se pretende neste capítulo, então, é mais uma vez tornar pública essas cartas apresentando algumas questões em torno deste material.

Deve-se estar claro que a transcrição feita aqui está baseada em algumas condições quanto ao que está sendo reproduzido. Optou-se nesse processo, por exemplo, por manter a ordem das cartas conforme são apresentadas no encadernamento. Identificou-se o álbum de D. Maria Luiza, presente no Arquivo do Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, apresentando algumas lacunas em relação à disposição das cartas apresentadas nas edições. Estão ausentes da atual configuração desse caderno as cartas escritas ao amigo do poeta, Luís Antônio da Silva Nunes, excetuando um soneto escrito por Álvares, dedicado a ele, e algumas outras cartas, ainda sem motivo aparente para sua desapareição.

Procurou-se manter a ortografia original, ou seja, reproduzir a forma como está apresentada e que foi lida nos originais.

A forma de leitura como um ponto determinante apresentou seus percalços, dessa maneira, quando surgiu dúvida e problemas com relação à caligrafia ou sentidos, a palavra, expressão ou frase recebe nota dos procedimentos ou parâmetros para tal leitura.

Foi indispensável então estabelecer diálogo com os antecessores desse trabalho, estabelecendo-se aqui uma pequena revisão e levantamento de algumas questões em torno do que foi feito, principalmente em relação à edição apresentada por Vicente de Azevedo, que foi quem se dedicou a tratar exclusivamente das cartas.

Trata-se da reprodução de algumas dessas cartas, a fim de evidenciar mais uma vez a importância de sua divulgação para suscitar novas leituras e percepções sobre esse sujeito que foi Álvares de Azevedo e sobre sua correspondência.

4.1 "Cartas de meu filho Manoel Antonio Alvares de Azevedo"

Carta nº 1

Maman

J'estime que vous vous portiez bien en compagnie¹⁵⁸ de Papa. Mr.¹⁵⁹ Stoll vous renvoie beaucoup de complimens à vous et à Papa. Maman faite venir a venir¹⁶⁰ me chercher samedi.

Botafogo 30 Juillet 1840

Ma chere¹⁶¹ Maman

De votre très affectionné fils.

M.^{el} A¹⁶²

Carta nº 4

My dear Papa

I hope you are quite well, and Mamma, My¹⁶³ Brother¹⁶⁴, and sisters, and also my Uncle¹⁶⁵. Papa, I send you the letter of saturday 17th of November. Mr. Jappiassú is gone on the 25th instant¹⁶⁶, all the boys were¹⁶⁷ crying for him. Mr. Jappiassú said for to tell¹⁶⁸ you he could not¹⁶⁹ go to bid you farewell because he was is such a great hurry.

¹⁵⁸ Grafada conforme original.

¹⁵⁹ Idem.

¹⁶⁰ Identifica-se problema construção dessa sentença. Homero Pires fez nota alertando ao leitor sobre a escrita ser de um menino de nove anos de idade. A nota foi reproduzida por Vicente de Azevedo.

¹⁶¹ Grafada conforme original

¹⁶² Abreviatura usada por Álvares de Azevedo.

¹⁶³ Idem.

¹⁶⁴ Idem.

¹⁶⁵ Idem.

¹⁶⁶ Abreviatura de "instant", conforme aponta Homero Pires.

I am

Your affectionate son
Azevedo

Botafogo 28 th
November of
1840

[fl. 1 v.]

Ignacio Manoel Alvares d' Azd^o - Esq^{re} ¹⁷⁰

Praia Grande.

M. A. A. Azevedo.

Carta nº 5

My dear Mamma

I hope that you are quite ~~to~~¹⁷¹ well. My cousin Ignacio has been very bad with a gathering in his ear and has had leeches applied, so that he is now¹⁷² better. Ratton, and Sigaud has the has the measles, Queixeramoby¹⁷³ has the headache, my cousin Joseph the tootache so we are all ill together. My love to my dear Papa ¹⁷⁴, my Uncle my brother, my sisters, Mrs. Maria da Gloria, and mr.¹⁷⁵ Flores. It has been raining here since last

¹⁶⁷ Homero Pires em nota destaca uma correção no uso do verbo, para ele o verbo deveria estar conjugado no presente “are”, no entanto, na leitura o sentido da frase e o contexto permitem que o verbo seja apresentado nas duas formas.

¹⁶⁸ Uso de duas preposições seguidas. Homero Pires também atenta para a correção da sentença alegando que deveria ser escrito “said to tell”.

¹⁶⁹ Este “not” não aparece na transcrição de Vicente de Azevedo, fator que pode comprometer a compreensão da carta.

¹⁷⁰ Abreviação oriunda do inglês *esquire*.

¹⁷¹ Marca conforme original.

¹⁷² Palavra também não consta na transcrição de Vicente de Azevedo.

¹⁷³ Vicente de Azevedo diz que o sobrenome deve se referir ao filho do marquês de Quixeramobi.

¹⁷⁴ Grafado conforme original, assim como aparece na carta nº 4.

¹⁷⁵ Grafado conforme original.

wednesday. Mrs. Lennon came here in the college for¹⁷⁶ to serve the boys, but she will not stop as Mr. Stoll thinks she is to old.

[fl. 1 v.]

My dear Mamma

I am

Your very affectionate¹⁷⁷ son.

Manoel Ant^o Álvz de Azevedo

Botafogo 30th january of 1841.

Carta n^o 11¹⁷⁸

Ma chère Maman

Je désire que vous vous portiez bien, ainsi que mon Papa, mon frère, et mes sœurs. Donnez un baiser a¹⁷⁹ Marie Françoise de ma part. Je me porte bien de santé ¹⁸⁰ même que j'aie¹⁸¹ un rhume, e¹⁸² une toux, qui ne me laissent pas respirer, et d'autant plus que je n'ai aucun mouchoir ici au collège et ainsi étant obligé de quand veux me moucher, de me moucher dans du linge sale.

N'ayant plus rien donc à dire, je vous. fais demander des mouchoirs et quelque chose pour la toux. Des regrets¹⁸³ à tous ceux qui demanderont pour moi.

¹⁷⁶ Mais uma vez o autor faz uso de duas preposições seguidas. Homero Pires ressalta novamente a forma correta "College to serve".

¹⁷⁷ Grafado conforme original.

¹⁷⁸ A carta apresenta uma parte recortada onde estaria sua assinatura. Esta última informação também consta em nota de Vicente de Azevedo.

¹⁷⁹ Idem.

¹⁸⁰ Palavra que também foi suprimida da transcrição de Vicente de Azevedo e pode comprometer a leitura

¹⁸¹ Grafado conforme original.

¹⁸² Idem.

¹⁸³ Uso da palavra "regrets" no sentido de lembrar, lembranças.

Adieu ma chère Maman

Je suis avec beaucoup
de respect et amitié

Votre tres affectionné

N. B.

J'ai écrit la lettre en français pour avoir la réponse en français aussi.

Botafogo

20 de Octobre

1842

Carta nº 27

Mamãe

S. Paulo - 26 de maio de 1848

Hoje deveria já ter chegado o Correio do Rio e com tudo nada de noticias¹⁸⁴ ainda - Verdade é q se acontecer como no Correio passado q veio sem me traser¹⁸⁵ cartas será a mesma cousa chegar ou não chegar –

Por aqui lavrou uma mania de daguerrotypar-se (neologismo q creio q necessário tornar-se-há admitir-se pela aceitação do daguerrotypo) – Não ha Estudante q não se tenha retratado ou não pretenda retratar-se. Alem¹⁸⁶ disso é barato por 5\$ tem-se um retrato colorido em um quadro singelo – sendo em chapa pequena. – E não são os Estudantes os contagiados a molestia¹⁸⁷ vai se espalhando e o medico¹⁸⁸ vai lucrando – Bom é q seja tão barata a cura no q excede ainda a homeopathia ponto de semelhança q tem com este modo de curar q excede m^{to} na velocid^e¹⁸⁹ apesar da tão preconizada rapidez das curas homeopathicas. Isto tudo é um exordio – apesar de bem cumprido – para lhe dizer q terei o meu retrato q lá lhe chegará pelo

¹⁸⁴ Grafado conforme original.

¹⁸⁵ Idem.

¹⁸⁶ Idem.

¹⁸⁷ Idem

¹⁸⁸ Idem.

¹⁸⁹ Idem.

mesmo portador desta, o Conego Anselmo (Joaquim Anselmo de Oliveira q vmcê bem conhece – e q foi meu mestre de Latim cá em S. Paulo – ha 3 annos¹⁹⁰ –

[fl. 1 v.]

Vai também, como Vmcê¹⁹¹ terá talvez já lido ou terá de ler na carta de Papai uma caixa de chá da nobre Paulicéia –

Nem o retrato – nem o presente levão¹⁹² subscripto – excepto na capa – pois bem difficil¹⁹³ será a distribuição – Quem quiser fique com o retrato q o chá será p^a o outro – Ou p^a contentar a ambos fiquem ambas as cousas com 2 donos – Esse retrato meu não é o q eu destinava p^a mandar-lhes eu tinha tirado um sosinho¹⁹⁴ n’uma chapa do tamanho da q vai – e portanto em ponto maior mas Tio Jose trocou-o por este q nós 2 juntos tiramos depois – O meu primeiro está¹⁹⁵ mto parecido segundo dizem – até achão mto bonito – e está á Byron – de capa – e tão romantico¹⁹⁶ achou-se isto q tudo agora quer tirar retrato de capa ate Tio Jose q aproveitou-se (plagiato!) da mesma idéia¹⁹⁷ no retrato q vai.

Esse mez¹⁹⁸ tem havido por aqui – uma sucia de bailes de meia tigella¹⁹⁹ – em uma palavra de S. Paulo – Houve um (o 1º) Philharmonico – o q fallar²⁰⁰ a verdade não é baile – outro (2) da Assembléa Paulistana²⁰¹ – ao qual não fui por q Tio João esqueceu-se de mandar-me o convite – outro (3) o da Concordia²⁰² no qual estive, (assim como na Philharmonica) – O elogio desse baile se pode resumir em bem poucas palavras – ainda se dança com cartas –

[fl. 2]

De dança com cartas segue-se q os jovens de 50 e mais annos q de ordinario são mestres salas nesses bailes escolhem outros melhores pares p^a si e outros

Gros-Jean comme devant²⁰³

Como diz o Lafontaine – e p^a os outro vem a cahir as respeitáveis metades e as meninas q vão ao baile em uma idade de ²⁰⁴ servirem só p^a comer doce e baralharem as contradança –

¹⁹⁰ Idem.

¹⁹¹ Encontra-se grava hora em maiúscula, hora em minúscula.

¹⁹² Grafado conforme original.

¹⁹³ Idem.

¹⁹⁴ Idem.

¹⁹⁵ Não há uma regra específica para acentuação. Algumas aparecem acentuadas outras não.

¹⁹⁶ Grafado conforme original.

¹⁹⁷ Idem.

¹⁹⁸ Idem.

¹⁹⁹ Idem.

²⁰⁰ Idem.

²⁰¹ Grifo do autor.

²⁰² Idem.

²⁰³ Expressão francesa que se refere ao um sujeito simplório que apesar de ter anseios e oportunidades de aprender e de ascender não consegue se dar bem ou aquele que mesmo depois de ter tido acesso a instrução ou oportunidades continua do mesmo jeito.

Mande-me diser²⁰⁵ se tem recebido sempre minhas cartas pois por todos os Correios²⁰⁶ tenho lhe escripto exceptuando o ultimo pelo qual só escrevi a Papai –

D. Brigida manda lhe lembrar o Collete²⁰⁷ – e pedir-lhe q q^{do} mandar o collete lhe mande tambem uma libra de flôr d’anil.

Se podes mandar-me algumas luvas do Rio mande porq aqui as q vendem-se são de montar a Cavallo – luvas Inglesas – e são todas de M para cima q^{do} eu calço F.

Aqui sahirão hontem no Cruzeiro do Sul²⁰⁸ uma folha de Estudantes – uns versos do Oliveira e Silva e q lhe remetto copia – Creio q são de tempo d’ Estudante – em todo o caso sei q são antigos – comtudo²⁰⁹ achei-os bem feitos e por isso lá vão:

Monodia –

Escuta o resoar d’Harpa ferida
Pela mão que a saudade convulsara;
- Discorde como rugem as tormentas,
Esvae-se com a sombra á lus do dia
O’ rola, quem me dera as tens gemidos

[fl. 2 v.]

Nestas cordas vibrar. – Baldado esforço!
Os inanidos dedos se me tolhem,
Não acho um echo ás voses do meu peito

Mimosa sensitiva, as ténues palmas
Porque murchas? Gelou-te algum delíquio?
Fallece a terra a ti ? morreu-te a seiva?
De nojento réptil cristaou-se o bafo?
“ – Oh ! não - mas vê: - alem daquellas
“La se esconde o sol que me dá vida;
“Quando outra ves raiar, ante seus olhos
“Tremulara d’amor meu seio aberto.”
Mas o sol de amanhã vira sorrir-lhe
Preste engelhar lhe as lagrimas da noute:
E a mim? ... quando verei clarão d’esperança
Filtrar por dentro as trevas dos meus dias

²⁰⁴ Vicente de Azevedo escreve a frase de outra maneira: "(...) em uma idade de só servirem p^a comer doce (...)".

²⁰⁵ Grafado conforme original.

²⁰⁶ Grifo do autor.

²⁰⁷ Idem.

²⁰⁸ Idem.

²⁰⁹ Idem.

Por esta ves²¹⁰ creio q basta – Diga à Nhanhã q eu pretendia escrever-lhe mas q como é tão preguiçosa de escrever²¹¹ talvez²¹² seja também²¹³ de ler, e como tem tantos TRABALHOS v.g.²¹⁴ ir ao baile, ao teatro, pentear-se etc, cousa q reconheço essenciais e trabalhosissimas pode ser q não tivesse tempo para ler a carta.... Se a desculpa é má será sempre melhor do q qualquer pretexto q Ella tenha de mandar-me. Contudo dê-lhe um abraço q lhe manda o seu irmão e diga-lhe q não se esqueça dele – Dê também m^{tas} lembranças a todos os meus irmãos e como hade²¹⁵ elles achar mais praser²¹⁶ em especificar-os²¹⁷ dê-as ao Quinca, Marianinha, Ignacinho (!) Maria Francisca e Carlotinha – A Marianinha q me escreva e mande noticias do Polka – Ads minha cara

²¹⁸< Mãe lance sua benção sobre Seu filho do Coração Manoel Antonio>

<N. B.>

<A remessa de meu retrato – como já dice²¹⁹ na carta de Papai – Segue-se²²⁰ – q vmcê me mande o seu – e se queres – tire o delle no mesmo quadro – q ficará esse com dobrado valor.

Tio João escreve juntamente – Vai uma sobre casaca dele velha p^a tomar-se-lhe medida p^a uma casaca – Elle está mesmo precisando de casaca – Elle pede q descontem das mesadas dele – >

Carta n° 28²²¹

Minha cara mãe

4 de Junho –

Agora mesmo recebi as suas de 27 e 31 de Maio²²² – as quais p^a não esquecer-me d'alguns tópicos dellas – respondo –

²¹⁰ Grafado conforme original.

²¹¹ Grifo do autor.

²¹² Grafado conforme original.

²¹³ Idem.

²¹⁴ Abreviatura latina para “por exemplo”.

²¹⁵ Grafado conforme original.

²¹⁶ Idem.

²¹⁷ Idem.

²¹⁸ O conteúdo contido entre < > referem-se ao que está contido na marginalia da correspondência. Indicação conforme BERWANGE, Ana Rodrigues; LEAL, João Eurípides Franklin. **Noções de paleografia e diplomática**. 3 ed. rev. e ampl. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008.

²¹⁹ Idem.

²²⁰ Alvares de Azevedo escreve “subentende”, mas risca e substitui por “segue-se”.

²²¹ Carta pouco legível quase apagada em alguns trechos.

Bem injusta^{nte} me reprehende vmcê por não lhe ter escrito pelo correio de 22 de Maio – eu prometti não deixar passar correio nenhum – salvo caso de força maior – de escrever p^a casa – e não de escrever-lhe sempre, porq há ocasiões²²³ em q a materia é tão esteril q nada há mesmo q dizer-se. Por isso creio q estou defendido – e o verdict (sic)²²⁴ do jury - espero, q – tomadas em consideração éstas²²⁵ explicações do sentido de minha carta, me absolva da culpa –

Faça-me o obsequio de diser a Nhanhã e a Marianinha q sinto dobradam^{te} seus importantes trabalhos – não só por ellas – mas tambem por elles expressamente prohibirem lhe o uso de pena e tinta.....

Emq^{to} a minha licção²²⁶ creio, q foi boa – é bem

[fl. 1 v.]

pouco modesta a minha resposta, mas – novo Pilatos – lavou-se as mãos e recahe a culpa sobre Vmcês - pela rasão de q Tio Jose nem lhe poderia informar dela – por não dar-se com o Botero –

Emq^{to} as luvas agradeço-lhas muito, porq as q aqui ha são de m^{to} ruim pellica – ou antes couro – e q^{do} se recebe fica-se em duvida se são para os pés ou se para as mãos - e alem disso vende-se pela ninharia de 2\$600 rs - p^a estallarem as costuras logo ao calçar-se apesar de serem tão largas q se em lugar de ser minha mão fosse o Pão d' Assucar²²⁷ q se quisesse accommodar nellas pouco lhe custaria o capricho –

Agradeço-lhe a notícia = Cassino = mas sinto m^{to} q vmcê q^{do} me escreve faça essas descripções a cavallo²²⁸ - à la César - vim, vi e venci – e disse – e

Não sei que fado máo²²⁹ fortuna escura ²³⁰ impede-lhe sempre de ser extensa; como eu desejaria –

[fl. 2]

Agradeço-lhe do fundo do coração a noticia das febres de 30 horas – e sumamente lhe fico obrigado pela agradável²³¹ noticia q me dava em sua ultima carta de pensar estar

²²² Grafado conforme original.

²²³ Idem.

²²⁴ Grifo do editor Vicente de Azevedo.

²²⁵ Grafado conforme original.

²²⁶ Idem.

²²⁷ Idem.

²²⁸ Idem.

²²⁹ Idem.

²³⁰ Debate entre os editores sobre qual a palavra certa, mas me parece “escura” ao invés de “encerra”, com está em Homero Pires

²³¹ Grifo do autor.

acomettida della q me fez andar bem inquieto a seu respeito – Estimo q a montanha desse a lus²³² um rato. –

Na quarta feira – 29 do passado – houve uma soirée em casa das Xavieis pelos annos d'uma dellas – p^a melhor saber vmcê do assunto de tal reunião leia este improviso do aquatico²³³ poeta pai dellas

Viva que faz annos hoje
A quem tenho tanto amor
Quem quizer saber quem é
É minha filha Leonor -

Este destempero de pé quebrado foi pronunciado no meio da salla de calix de licor na dextra²³⁴ –

Dancei umas 8 contradanças e valha-me Deus! – dancei com todo os pares bons da sala – a saber: as 3 Xavieis – a D. Olympia – e as 2 filhas do Consul

[fl. 2 v.]

Frances de S. Paulo – Milliet – das quais como mandei diser a Nhanhã uma anda na roda da fama e talves case com o Chiquinho Xavier q forma-se este anno - foi p^a obstar esse casamento q a família delle transplantou-se p^a a Paulicéia –

Nada mais ha a diser do soirée senão q filha do Milliet em conseq^{cia} de ser a lingua mais ferina de S. Paulo seria de palito a umas poucas pessoas - Tio Jose e Dr. Meneses etc – Tio Jose em vingança d'uma alcunha q ella pregou-lhe – cousa esta de q é m^{to} prodiga ... Sabe Deus qual será o meu ... Comtudo logo q eu o saiba terei a honra de mandar-lhe diser p^a q apreciem a espiituosa rebecca²³⁵ de estonteada D. Laurita.

Este episodio sahio grande – mas – ao menos é ligado ao assumpto – o que priva q p^a ser poeta epico e q me falta não é a arte doas episodios é a poesia – este barro!

<Adeus minha mãi - lance s^a benção sobre

seu filho d Coração

Manoel Ant^o>

<Ainda não recebi - até agora - á chegada do Correio – as encommendas – Espero ancioso os Gorindinos q vmcê em confirmação a uma antiga promessa bem me poderia ter

²³² Grafado conforme original.

²³³ Idem.

²³⁴ Idem.

²³⁵ Feminino de “rabeca”, instrumento musical, espécie de violino moderno.

mandado de presente – espero q a promessa do retrato se realises²³⁶ ao receber vmcê o meu retrato e não dê em [ilegível] como outras ... da Nhanhã e - (talves se eu fosse má lingua o diria) - suas>

Carta nº 29

Mamãe

S. P. 11 Junho.

Fui hoje ao baile da Concordia – e é na chegada delle q lhe escrevo -

Tio Jose partiu hontem p^a Carapicuíba a caçar veados – e eu p^a lá vou amanhã levar o Nhôsinho (Alfredo) ²³⁷ q Tio Jose mandou-me pedir q levasse commigo ²³⁸ no cavallo²³⁹ em q vou.

Hoje houve aqui a interessante²⁴⁰ festa dos Cayapós - ainda estava atordoado do barulho dos malditos tambores – Emq^{to} aos bailies ²⁴¹ de hoje nada há que diser – Descripto um baile de S. Paulo estão descriptos – com pouca differença – todos os presentes passados e futuros – de cão a cachorro não há differença²⁴² - cara d'um fucinho d'outro -

Emq^{to} aos meus pares – idem – pois resolvi-me a dansar²⁴³ aqui com uns pares certos dos quais não prescindo

[fl. 1 v.]

e em desdouro meu ou de S. Paulo seja dito q me são da terra – são Xavieis – Olympia – e Milliets – q são todas Santistas – Emq^{to} a gente daqui so uma vez na vida danço com com as Brigadeiras (Pintos) ou com a f^a ²⁴⁴do Pacheco - (q, seja dito entre parentheses é uma menina de 13 a 14 annos q vai aos bailes de calças - non obstante o q disem (se são más linguas macacos as mordão, q não a mim q só repito alheios ditos) direi q está pedida em caza.^{mta}²⁴⁵ p^a daqui a 3 annos pelo Moreira Pinto – Conhece?)

²³⁶ Grafado conforme original.

²³⁷ Marca do autor.

²³⁸ Grafado conforme original.

²³⁹ Idem.

²⁴⁰ Grifo do autor.

²⁴¹ Risca os "s" conforme original.

²⁴² Grifo do autor.

²⁴³ Idem.

²⁴⁴ Abreviatura para “filha”

²⁴⁵ Abreviatura para “casamento”.

Adeus e viva q não ha mais nada digno de contar-se senão q a Cidade ainda não deixou de ser S. Paulo – o q quer diser mt^a cousa – entre as quaes ²⁴⁶tedio e aborrecim^{to247} -

Ora, eu contava mandar lhe umas duas linhas p^a Vmcê não se queixar da falta de cartas e lá se vão umas 2 páginas. O caso é q já derão 2 horas e q estou com somno²⁴⁸, e alem²⁴⁹ disso tenho de acordar cedo – 3 rasões²⁵⁰ fortes p^a

[fl. 2]

concluir esta interessante²⁵¹ espistola e Laus deo Virginique Matri²⁵² aqui dou fundo, promettendo²⁵³ (e note q vai sublinhado)²⁵⁴ uma carta cumprida, bem cumprida mesmo pelo seguinte Correio -

Lance sua benção sobre

Seu filho do Coração

Manoel Ant^o

Que fim levou a Nhanhã?

Já morreu ou ainda está

Viva? Será bom q ella me tire da dúvida Emq^{to}

A mim não lhe escrevo mais, q creio q tanta resposta terei quanto se eu escrevesse ao fallecido Haroum al Raschid contemporaneo²⁵⁵ de Carlos Magro (ou Magno, o q vem dar no mesmo) –

Lembranças a todos –

²⁴⁶ Em nota, Homero Pires considera a palavra ilegível, mas para Vicente de Azevedo está claro que a palavra é “quaes”. Na leitura do original verifica-se a palavra legível, como apresenta Vicente de Azevedo.

²⁴⁷ Abreviatura para aborrecimento.

²⁴⁸ Grafado conforme original.

²⁴⁹ Idem.

²⁵⁰ Idem.

²⁵¹ Grifo do autor.

²⁵² Vicente de Azevedo acusa Vieira Souto de ter reproduzido texto sem atenção e ter escrito algo sem sentido, no entanto em carta original aparece a expressão escrita dessa forma. Em pesquisa ao termo parece estar escrito em latim e se refere a algo como “Mãe louvar a Deus...”, a palavra Virginique que não aparenta sentido. Homero Pires reproduz a expressão e Vicente decide mantê-la, com observação.

²⁵³ Grifo do autor.

²⁵⁴ Grifo do autor.

²⁵⁵ Grafado conforme original.

Já cá chegou o Conego Anselmo?

Entregou-lhe um retrato q foi?

[fl. 2 v.]

Para Mamã

Carta nº 36

Minha querida Mãe

S. Paulo - 12 de Junho de 49

Tenho á vista a sua de 3 de corrente q com mto prazer recebi

Estimo q todos passem bem lá por casa

Emq^{to} no Rio reluzem esses bailes á mil e um noutes²⁵⁶, com toda a sua magia de fulgências e luzes, por aqui arrasta-se o narcótico e cinico²⁵⁷ baile da Concordia Paulistana -

Nunca vi lugar tão insipido, como hoje está S. Paulo – Nunca vi cousa mais tediosa e mais inspiradora de spleen – Se fosse eu só o que o pensasse, dir-se-hia q seria molestia – mas todos pensão assim – A vida aqui é um bocejar infinito –

Nem ha passeios q entretenhão, nem bailes, nem sociedades – parece isto uma cidade de mortos – não ha nem uma cara bonita em janella²⁵⁸, só rugosas caretas desdentadas – e o silencio das ruas só é quebrado pelo ruido das bestas sapateando no ladrilho²⁵⁹ das ruas.

Esse silencio convida mais ao somno q ao estudo – enlanguesse, e entorpece a imaginação e pode-se dizer q a vida aqui é um somno perpetuo.

Passão-se dias e dias sem q eu sáia²⁶⁰ de casa – mas que heide eu fazer? As calçadas não consentem q um par de pés guarnecidos de um par de calos – como os meus – possão andar vagando pelas ruas – Fico em casa,

[fl. 1 v.]

²⁵⁶ Grifo do autor.

²⁵⁷ Grafado conforme original.

²⁵⁸ Idem.

²⁵⁹ Idem.

²⁶⁰ Idem.

e comtudo por isso não estudo mais do q q^{do} no anno passado eu ia todas as noites conversar em alguma casa de familia, ou num baile.

Estudo sempre, comtudo - porém é como a martello, é unicamente á força de vontade – Diga a Nhanhã que as obras vão andando, e q prometterão me por qualquer destes dias a toalha

Basta por hoje m^{tas} lembranças a todos – á Exma. Snra Nhanhã, Á Marinninha, Quinquins etc etc e lance sua benção sobre

Seu filho do Coração

Maneco

Por aqui não ha novidade, q lhe interessem além do nascimento de uma filha da Bella
Quinta feira aqui houve teatro

Nunca vi cousa tão ruim –

Carta n° 38

Minha cara mãe

S. Paulo 7 de Julho²⁶¹ 1849

D. Brizida pediu-me p^a fazer-lhe a encommenda de uma pelérine²⁶² (creio q assim q se chamão esses casacões de snr^a q se enfião sobre o vestido) de lã de malha, de côr escura (inclue Ella nas cores escuras azul, verde etc) tudo entregue ad libitum²⁶³, do seu bom gosto –

Quanto a mim quero lhe fazer 2 encomendas tambem – um exemplar da Democracie en France de Guizot – e do Raphael de Lamartine q ahi nos jornais se annunciarão²⁶⁴ um a 200 rs e outro a 800 –

Na carta a Papai contei q fui no dia de S. Pedro jantar em casa da Marqueza de Santos (onde está morando o Conde de Iguassú) por ocasião dos annos do nobre Conde²⁶⁵ –

Q^{lo} a outros divertimentos – nichts²⁶⁶ – só andar pelas ruas dando topadas nas pedras – cousa em q nada se ganha a excepção de calos e routas²⁶⁷

²⁶¹ Grafado conforme original.

²⁶² Grifo do autor.

²⁶³ Expressão latina que significa “de acordo com a vontade de alguém” ou “sem restrições ou limites”.

²⁶⁴ Grafado conforme original.

²⁶⁵ Grifo do autor.

²⁶⁶ Grafado conforme original.

[fl. 1 v.]

nos sapatos – Reduzido a ficar em casa, por não ter sequer, onde ir, e não achar prazer em andar correndo ruas, acho-me na maior insipidez possível ancioso²⁶⁸ de deixar essa vida tediosa do mal ladrilhado S. Paulo –

M^{tas} lembranças á Nhanha

Tem-se dado agora a mania p^a tirar retratos. Aqui tenho uma pasta cheia delles mais ou menos caricaturisados²⁶⁹ – Como a boa justiça começa por casa e no outro dia com 2 espelhos alcancei tirar este q os meninos aqui deram logo por meu – Ahi vai –

Adeus minha cara mãe Dê a todos m^{tas} lembranças – M^{tos} abraços a meus manos e irmãs e mui^{tas} saudades a todas as pessoas q lá pelo Rio ainda se lembrão de

Seu filho do Coração

Manoel Az^{do}

Carta nº 58

Minha mãe²⁷⁰ e Snr^a

Santos, 1º de Novembro de 1850 –

As razões porq²⁷¹ não seja na havia que daqui sai amanhã, vêl-as ha a Snr^a na carta que escrevi a meu Pai o resultado de meu acto²⁷² e a confidencia das minhas saudades, eis o objeto desta.

Até hoje, não sei se é graça de Deus, ou amor de minha mãe, que tudo é o mesmo, a felicidade me tem acompanhado. Para que as difficuldades só se me apresentão, para que maior seja o prazer de vêl-as vencidas. A banca de meu anno era terrível. De 30 Estudantes²⁷³ só 22 fizerão acto, e desses só 19 sahirão plenamente: um foi approvado²⁷⁴ simplesmente, e os outros dous forão reprovados: todos os 3 com injustiça clamarosa. O Dr. Manoel Dias no dia de meu ponto dice²⁷⁵ a alguem em confiança q eu me segurasse mto porq é Dr. Furtado tinha

²⁶⁷ Idem.

²⁶⁸ Idem.

²⁶⁹ Idem.

²⁷⁰ Idem.

²⁷¹ Idem.

²⁷² Idem.

²⁷³ Idem.

²⁷⁴ Idem.

²⁷⁵ Idem.

dito que me punha seu R. Foi com esta noticia, á vista de 2 reprovações injustas da vespera²⁷⁶, e vendo a debandada de meus collegas que fui fazer acto. Comtudo como já dice, fui felis²⁷⁷ ainda uma ves²⁷⁸ e obtive o plenamente.

Foi um dos reprovados de meu anno um so_

[fl. 1 v.]

brinho do cons.²⁷⁹ Honório, o que sahiu simplesmente foi o fº de D. Mª da Conceição. No 1º anno que começou há dias, sahirao reprovados, o fº do Joze Mª Velho da Silva, que é de certo o rapaz que tem trasido²⁸⁰ melhores e mais numerosas cartas de recomendação, a um fº do Airosa da Rª do Rosário: no 5º anno sahiu um rapaz da Bahia reprovado com 3 RR: [sic]

Adeus minha querida mai, espere-me pela barca de 8 que no dia 9 lhe heide²⁸¹ dar um abraço mto apertado de 6 mezes de saudades – ouviu?.. e lance desde já sua benção sobre

Seu filho do Coração.

Manoel Antº

Carta nº 60

Minha mai do Coração

S.Paulo 17 de Abril de 1851

Depois de 19 dias de uma peregrinação á procura de casa, verdadeiro Jerôme Paturot á la recherche d'une maison²⁸² achei uma casinha onde a mal me acomodo com um companheiro. Pª fazer idéa basta lembrar-lhe que dormimos e estudamos no mesmo quarto.

Sahi hoje á procura da encomenda do Fé²⁸³. Achei um papagaio bem fallante. Quanto á arára²⁸⁴ o negocio se complica. Ajustei uma que falla muito, e até dança mas é cega de um

²⁷⁶ Idem.

²⁷⁷ Idem.

²⁷⁸ Idem.

²⁷⁹ Abreviatura para “conselheiro”.

²⁸⁰ Idem.

²⁸¹ Idem.

²⁸² Grifo do autor.

²⁸³ Grafado conforme original.

²⁸⁴ Idem.

olho! Fui vêr outra também afamada mas tem uma asa quebrada: Contudo não desespero de mandar-lhe a arara.

Dê muitas e muitas lembranças ao Fé: só as encomendas e desarranjo em que tenho passado, a modo de viagem, me poderão impedir escrever-lhe uma longa carta. Quando ao Snr. Sonnerleithner dou-lhe sinceros parabens pela sua paixão interina e pouco esthetica. Desculpe-me com elle por não lhe ter ainda escripto, como elle pediu-me prometi.

[fl. 1 v.]

A Nhanhan e Marianinha devem estar muito zangadas comigo pela falta de cartas minhas. Mas a amizade não está n'uma folha de papel suja de tinta: a saudade fica no coração, e alimenta-se do passado mas não de esquecimento.

Dê-lhes pois um abraço por mim.

Na mesma lista pode incluir todas essas moças bonitas cujos nomes por modéstia omitto²⁸⁵, mas que não posso esquecer, no meu pantheismo, á vista da irresistível fealdade das minhas patrícias. É singular que n'unma²⁸⁶ terra onde o céu é tão bonito as cazas²⁸⁷ sejam²⁸⁸ tão pardacentas e as mulheres tão [sic]

Boa noite: já vai cá ²⁸⁹ vai longe meia noite, faz um frio de entorpecer: e se por fora há luar e nevoa, sucumbo ao spleen e ao somno.

Boa noite minha boa mãe, lance sua benção sobre o

filho do Coração

M^{el}. Ant^o

²⁸⁵ Idem.

²⁸⁶ Idem.

²⁸⁷ Idem.

²⁸⁸ Idem.

²⁸⁹ Palavra não consta em transcrição de Vicente de Azevedo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos séculos XIX e XX, a figura de Álvares de Azevedo recebeu lugar notório na literatura brasileira. Suas poucas, mas importantes obras contribuíram para construção do repertório do romantismo brasileiro, ramo da literatura nacional que mais atraiu os intelectuais desse período.

Ao observamos alguns manuais clássicos da contemporaneidade da história da literatura brasileira, que se dedicaram a escrever sobre esse movimento, e sobre Álvares de Azevedo, nos deparamos com uma imagem dividida entre a genialidade e a juventude interrompida prematuramente. Uma análise que incluía o poeta entre os grandes nomes da poesia romântica, mas que o identificava como um escritor que tratava de questões que estavam ao largo das discutidas por seus contemporâneos.

A busca de uma justificativa que encaixasse o poeta dentro da linearidade traçada pela própria crítica no quadro dos movimentos literários e intelectuais produziu a seu respeito uma série de interpretações que tinham como base somente o que estava posto em suas obras. Por tratarem de temas sombrios, melancólicos e relativos à sua subjetividade, Álvares de Azevedo passou a ser lido como o poeta bayroniano, mas que tinha traços de nacionalidade, por tratar de sua subjetividade sombria contextualizada em território nacional.

Mas a medida em que os cânones precisaram ser retomados e ressignificados, em um contexto de criação de uma identidade cultural brasileira, o aparecimento de documentos pessoais do poeta, contribuiu com novos elementos para a sua leitura. A correspondência trocada com sua mãe, membros da família e amigo, deu novas perspectivas à compreensão do jovem prodígio e possibilitou a sua volta a cena intelectual. A divulgação dessa correspondência, então, ganhou os discursos e as páginas dos livros pelas mãos de importantes nomes da intelectualidade da época.

Tendo em vista tais conjunturas, esta pesquisa pretendeu examinar e contextualizar essa divulgação das cartas de Álvares de Azevedo e fazer uma análise de como elas foram apresentadas. Para tal, trabalhar com a figura do organizador, compreender a trajetória desses documentos e o seu contexto de publicação se fez essencial, bem como entender a estrutura da edição, suas lacunas e marcas deixadas pelo editor.

Procurou-se a partir deste objetivo traçar uma linha cronológica da divulgação destas cartas. Para tal, no primeiro capítulo tratamos da primeira citação da correspondência feita em 1931, pelo médico e intelectual Luís Felipe Vieira Souto, em cerimônia de homenagem ao

centenário de nascimento do poeta Álvares de Azevedo, no reconhecido Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, discurso que posteriormente foi publicado na revista da instituição. Tanto a cerimônia quanto a publicação, representaram no contexto e no lugar de onde falava Vieira Souto, a construção de um discurso nacional pautado na figura de poetas românticos e dentre ele estava Álvares de Azevedo.

A escolha não foi aleatória, nesse momento Álvares de Azevedo já tinha sido eleito, por intelectuais do Instituto, cânone da literatura brasileira e o acesso a sua correspondência vinha ao encontro de uma linha intelectual estabelecida pelo IHGB, que unia literatura e história, ou seja, que incentivava uma produção literária associada ao conteúdo histórico.

Quando Vieira Souto fez seu discurso de homenagem, identificou-se uma linha narrativa que conectava ficção e realidade. E que ao mesmo tempo estabeleceu a reafirmação das leituras sobre a figura do poeta: de um menino prodígio, mas suscetível às emoções, que ao longo da vida sofreu variações de humor, muito mais evidentes nos momentos próximos a sua morte.

A linha discursiva se manteve ao longo dos anos 1940, quando temos a publicação das *Obras Completas de Álvares de Azevedo*, publicada pela Companhia Editora Nacional e organizada pelo advogado Homero Pires. Como apresentado no capítulo 2, essa edição pertenceu à coleção "Livros do Brasil", organizada por Afrânio Peixoto, e que pretendia levar ao público textos que estivessem ligados a cultura nacional. Peixoto, tendo sido romancista e historiador, levou à linha editorial da coleção uma proposta de divulgar nomes e textos que se alinhassem a sua formação. Mais uma vez, a citação de Álvares de Azevedo e principalmente de suas cartas, surgiu com o intuito de compor essa linha. A edição, com o objetivo de cumprir o programa da editora, estabeleceu então uma estrutura de apresentação dos textos que misturava literatura, textos acadêmicos e a referida correspondência. Essa apresentada ainda com inúmeras notas que pretendiam referendar sua importância histórica e de estreita relação com contexto nacional vivido pelo poeta e do lugar social que ocupava.

Já para Vicente de Azevedo, o terceiro divulgador dessa correspondência, a documentação tinha cunho mais pessoal, a empreitada em busca das cartas de que ouvira falar ainda na faculdade de Direito do Largo São Francisco, estava associada à sua curiosidade com relação ao poeta e sua vida particular. Vicente de Azevedo na contramão de seus contemporâneos não quis reafirmar o discurso em torno de Álvares de Azevedo, mas talvez suscitar nova leitura à figura do jovem autor.

No entanto, ao ter contato com os originais e realizar transcrição que levou à publicação das *Cartas de Álvares de Azevedo*, em 1976, Vicente de Azevedo se viu em um lugar de

leitor, mas também de criador dessa nova imagem. Munido de rico material, o intelectual foi além dos seus antecessores. Em sua edição, publicada pela Academia Paulista de Letras, retomou o trabalho de Homero Pires e aprofundou as pesquisas em torno dos fatos, nomes e referências presentes na correspondência, e criou no rodapé dessas cartas uma narrativa sobre Álvares de Azevedo, que acabou por retirar seu caráter de sujeito histórico e lhe conferiu o atributo de personagem.

O que percebemos é que seus primeiros divulgadores, Vieira Souto e Homero Pires, tomando as cartas como documentos, deixaram que sua condição histórica e testemunhal prevalecesse sobre suas análises e servisse como certificação dos discursos que vinham sendo criados. Já seu último editor, Vicente de Azevedo, foi levado pelo conteúdo das cartas, sendo transportado para uma realidade única produzida pelo olhar do poeta dirigido, sobretudo à sua mãe.

Portanto, podemos entender que a ânsia de observar a relação epistolar e compreender a figura do epistológrafo coloca-se aqui como uma questão central. Seus editores, através de sua leitura sobre Álvares tentaram por meio dessa correspondência preencher lacunas sobre o próprio poeta e, ao mesmo tempo, contribuir para uma biografia mais profunda que resultou na composição de uma narrativa para um personagem real.

Com isso, deixaram de lado um trabalho mais profundo de edição das cartas. Pois, a carta, como documento tem sim finalidades históricas, biográficas e literárias, mas algumas medidas devem ser tomadas no seu trato, afinal, como coloca Haroche-Bouzinac ²⁹⁰, há um jogo de representação em toda a correspondência, forjado pelo próprio epistológrafo, e cabe ao pesquisador ou àquele que se debruça sobre a correspondência distinguir. Mas não devemos crer unicamente que todo epistológrafo mente premeditadamente, porque há de se levar em conta que está posto nas cartas um processo de comunicação, de interação entre indivíduos e o

(...) seu autor [que] é sempre o principal questionado, contudo, não se deve esquecer que por trás dele, se desenha o conjunto de práticas em uso, de automatismos e códigos que depende estritamente de fatores socioculturais e de normas enraizadas na história. Testemunho do grupo ao qual pertenceu ou tenta se entregar, bem como representação contínua de uma ordem social, a carta se encontra 'na encruzilhada' dos caminhos individuais e coletivos. ²⁹¹

²⁹⁰ HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas Epistolares**. Trad. Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

²⁹¹ Idem, p. 25.

Há de se considerar também o caráter familiar dessas correspondências não podemos esquecer que mesmo algumas cartas à seu amigo Luís Antônio da Silva Nunes, todas as outras se dirigem aos familiares e a maioria à sua mãe. A carta familiar, como também mostra Haroche-Bouzinac, difere-se por ser uma carta menos solene, mas que não implica um tom muito íntimo, pois “Convém uma forma respeitosa no círculo familiar, particularmente nas cartas escritas a mais velhos.” ²⁹².

O termo familiar em si já determina cartas com estilo epistolar de ornamento, de nobreza. Ela beneficia-se da liberdade em relação à proximidade gerada pelos vínculos e pode até ser entendida como uma abertura maior com relação a comunicação que seria feita pessoalmente. Essa “(...) familiaridade supõe uma relativa limitação da confidencialidade: a cortês familiaridade permanece nos limites de um registro cortês, e maleável, que exclui desabafos excessivos.” ²⁹³ O que demonstra que sempre devemos desconfiar do epistológrafo em todos os níveis.

Portanto, ao debruçar sobre essa correspondência devia-se, sobretudo, olhar seu entorno. Antes de mergulhar em seu conteúdo, tanto por meio do olhar de seus editores como no aprofundamento das questões trazidas pelas cartas originais, deve-se ter essa noção acerca da leitura da correspondência. Seu lugar de fluidez, de instabilidade, faz com que se criem diversas camadas as quais devemos observar. A leitura que se faz, que se fez e que se pode fazer delas, passará necessariamente por todos esses âmbitos (histórico, literário, autobiográfico) e pelo suporte no qual se insere.

Tais perspectivas tem o objetivo de incentivar então a revisitação dessa correspondência. E pensando nisso é que o último capítulo levou a transcrição de algumas das cartas, feitas a partir do original, como fizeram Vieira Souto e Vicente de Azevedo. E aqui foram colocadas, após terem passado longo período longe da vista dos pesquisadores que podem ter nova oportunidade de visitar seu conteúdo e estabelecer novas interpretações, leituras e pesquisa a partir do que aqui foi colocado.

²⁹² Idem, p. 40.

²⁹³ Idem, p. 41.

DOCUMENTOS

AZEVEDO, Vicente de. **Cartas de Álvares de Azevedo**. Biblioteca Academia Paulista de Letras. Volume 1, 1976.

Cartas de Álvares de Azevedo. Arquivo do Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa.

PIRES, Homero. **Obras completas de Álvares de Azevedo**. 8. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942.

Revista do Instituto Geográfico Histórico Brasileiro, Volume II. Rio de Janeiro, 1931.

Revista do Instituto Geográfico Histórico Brasileiro. Tomo XVIII, 3ª série, nº 20, 4º trimestre. Rio de Janeiro, 1855.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABREU, Márcia; BRAGANÇA, Aníbal. (Orgs.) **Impressos no Brasil**: Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

ALONSO, Angela. **Ideias em movimento**: a geração de 1870 na crise do Brasil Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALVES, C. **O belo e o disforme: Álvares de Azevedo e a ironia romântica**. São Paulo: EDUSP, 1998.

ANDRADE, Mário. **Aspectos da literatura brasileira**. 5ed. São Paulo: Livraria Martins Editora SA, 1974.

_____. **O Aleijadinho e Alvares Azevedo**. Rio de Janeiro: R.A. Gomes, 1935.

AZEVEDO, Vicente de Paulo Vicente de. **Alvares de Azevedo desvendado**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1977.

BATALHA, Maria Cristina. *A importância de E. T. A. Hoffman na cena romântica francesa*. **ALEA**, volume 5, nº 2, jul-dez, 2003.

BECKER, Colette. *O discurso de Escolta*: as notas e seus problemas (o exemplo da correspondência de Zola). **Patrimônio e Memória**. São Paulo, Unesp, v.9, n 1, p. 144-156, janeiro-junho, 2013. Trad. Ligia Fonseca Ferreira.

BEM, Jeanne. *Le statut littéraire de la lettre*. In: **Colloque sur les correspondances inédites**. [s/l]. [s/d]

BERWANGE, Ana Rodrigues; LEAL, João Eurípides Franklin. **Noções de paleografia e diplomática**. 3 ed. rev. e ampl. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Marcia (Org.). **Impresso no Brasil**: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Ed. Unesp, 2010.

CAMILO, Vagner. *Álvares de Azevedo, o Fausto e o mito romântico do adolescente no contexto político-estudantil do segundo reinado*. **ITINERÁRIOS** – Revista de Literatura, n. 33, 2011.

CANDIDO, Antônio. **A educação pela noite e outros ensaios**. Ática, 1987.

_____. **Iniciação à literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2013.

_____. **Literatura e sociedade**. Estudos de teoria e História literária. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CARONE, Modesto. *Álvares de Azevedo, um poeta urbano*. **Remate de Males**, v. 7, 2012.

CHARTIER, R. (éd.). **La correspondance. Les usages de la lettre au XIX^e siècle**. Paris: Fayard, 1991.

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república**: momentos decisivos. São Paulo: Grijalbo, 1977.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 7 ed. São Paulo: Global, 2004

DE CARVALHO, Ricardo Souza. *O processo de criação do ensaio "amor e medo" de Mário de Andrade*. **Manuscrita**. Revista de Crítica Genética, n. 10, 2001.

DIAZ, Brigitte. **O Gênero Epistolar ou o Pensamento Nômade**: formas e funções da Correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX. Trad.: Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

DUTRA, Eliana de Freitas; MOLLIER, J. **Política, nação e edição**: o lugar dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX. **São Paulo: Annablume**, p. 9-10, 2006.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 1 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento Educacional, 1994. 650 p.

GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádia Battella. **Prezado Senhor, prezada Senhora**. Estudos sobre cartas. (orgs.), São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GOMES, Angela de Castro et al. **A república no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

_____. **A República, A História e o IHGB**. São Paulo: Fino Traço Editora, 2009.

GOMES, Ângela Maria Castro; OLIVEIRA, Lucia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta. **Estado Novo: ideologia e poder**. Zahar, 1982.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. *Nações nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Projeto de uma História Nacional*. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, CPDOC/Vértice, n.1, p. 5-27.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: EDUSP, 2005.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas Epistolares**. Trad. Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

LEITE, Manoel Cerqueira. *O estudante Manuel Antônio Álvares de Azevedo*. **Revista de História**, v. 5, n. 12, p. 373-384, 1952.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o romantismo**. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.

MALATIAN, Teresa. *Narrador, registro e arquivo*. In: **O historiador e suas fontes**. PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2013.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo: Difel, 1979.

MORAES, Marcos Antonio de. **Orgulho de jamais aconselhar**: a epistolografia de Mário de Andrade. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2007.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira**: pontos de partida para uma revisão histórica. 3. ed. São Paulo: Ática, 1997.

NOVAIS, Fernando (Coord.). **História da vida privada no Brasil**. Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. v. 2. p. 12.

OLIVEIRA, Milena Fernandes de. **Consumo e cultura material, São Paulo “Belle Époque” (1890-1915)**. Tese (Doutorado em Economia) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 429 p. 2009.

PAGÈS, Alain. *A materialidade epistolar*. O que nos dizem os manuscritos autógrafos. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 67 p. 106-123. Ago. 2017. Trad. Lígia Fonseca Ferreira.

REAL, Edson Alexandre Santos. *O nacionalismo na educação brasileira: a construção de uma pátria (1838-2009)*. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, v. 9, n. 11, p. 44-56, 2014.

ROCHA, Hildon. **Alvares de Azevedo: anjo e demônio do romantismo**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982.

ROMERO, Silvio. **História de literatura brasileira**. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL, 1980.

SANTINI, Gilmar T. *A cidade de São Paulo no século XIX: o olhar de Álvares de Azevedo*. In: **Colóquio de alunos da pós-graduação em Letras**. 2007. São Paulo: Assis. p. 67-76.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. (Coord.). **História do Brasil Nação: 1808-2010**, v. 2 A construção Nacional 1830-1889. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2012.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Luciana Fátima da. **Álvares de Azevedo: o poeta que não conheceu o amor e foi noivo da morte**. Annablume, 2009.

SILVA, Mônica Gomes da. *A São Paulo inventada por Álvares de Azevedo*. **Revista Icarahy**. Revista dos alunos dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras UFF, 2012.

SIMONET-TENANT, Françoise. *Aperçu historique de l'écriture épistolaire: Du social à l'intime*. **Le français aujourd'hui**. Université Paris 13, n° 147, p. 35-42, mar 2004.

SOUZA, Patrícia Aparecida Guimarães de. *As personagens das cartas de Álvares de Azevedo*. In: **Simpósio Nacional de História**. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. 2015. Santa Catarina.

SOUZA, Vítor André de. *O curso jurídico paulistano e a origem do ultrarromantismo de Álvares de Azevedo*. In: CALDEIRA, João Ricardo de Castro; ODALIA, Nilo. (Orgs.). **História do Estado de São Paulo. A formação da Unidade Paulista**. Vol.I. São Paulo: Editora Unesp; Editora Imprensa Oficial; Arquivo Público do Estado, 2010.

THIESSE, Anne-Marie. *Ficções criadoras: as identidades nacionais*. **Anos 90**. Porto Alegre, n° 15, 2001/2002.

VELOSO, Mariza; MADEIRA, Angélica. **Leituras brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura**. Paz e terra, 1999.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *A literatura como Espelho da Nação*. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n° 2, 1988. pp. 239-263.

_____. **Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo.** Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. CPDOC, 1987.

_____. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo.* In: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge. **O Brasil Republicano. O tempo de nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo.** 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. V. 2. p. 146-179.

WERKEMA, Andrea Sirihal. *O romantismo de Álvares de Azevedo.* **O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira**, v. 7, n. 1, p. 143-151, 2001.

MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira.** v. 2. 1794-1855
São Paulo: Cultrix, 1978.

_____. **História da inteligência brasileira.** v. 5. 1897-1914
São Paulo: Cultrix, 1978.

_____. **História da inteligência brasileira.** v. 6 1915-1933
São Paulo: Cultrix, 1978.